



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DANIEL BERG DE MELO FARIAS

**A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DO MASOQUISMO PARA A CONSTITUIÇÃO DO
EU EM FREUD**

Miracema do Tocantins, TO
2022

Daniel Berg de Melo Farias

A importância da teoria do masoquismo para a constituição do Eu em Freud

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador (a): Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio

Miracema do Tocantins, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F224i Farias, Daniel Berg de Melo.

A importância da teoria do masoquismo para a constituição do Eu em Freud. / Daniel Berg de Melo Farias. – Miracema, TO, 2022.
82 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2022.

Orientador: Eloy San Carlo Maximo Sampaio

1. Masoquismo. 2. Eu. 3. Constituição Psíquica. 4. Freud. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DANIEL BERG DE MELO FARIAS

A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DO MASOQUISMO PARA A CONSTITUIÇÃO DO EU
EM FREUD

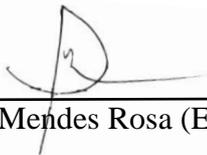
Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – Câmpus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia, foi avaliada para obtenção do título de Bacharel em psicologia e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 01 / 07 / 2022.

Banca examinadora:


Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio (Orientador), UFT


Prof. Dr. Altair José Dos Santos (Examinador), UFG


Prof. Dr. Carlos Mendes Rosa (Examinador), UFT

Em memória de minha mãe

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, **Maria de Melo**, que com amor me ensinou que se eu quisesse crescer deveria sair de casa e olhar para trás só de vez em quando.

Ao meu pai, **Gerson Barreto**, que me ensinou o amor pelos livros e que é importante segurá-los com as mãos limpas.

Ao meu orientador, **Dr. Eloy San Carlo**, por me ensinar muito sobre psicanálise, pelas mensagens de “e o TCC?” e que insistiu que eu não fizesse Freud sangrar.

Aos amigos que conquistei ao longo dessa jornada universitária: **Amanda Christina, Franciely Peres, Ingrid Eduarda, Michel Sousa e Wysney Rocha**, obrigado por me deixar fazer grupo com vocês; **Matheus Barreira**, por despertar o adolescente em mim; **Noemi Rocha**, pelas risadas e traduções de textos; **Pedro Henrique Pinheiro**, por ter me abrigado em Miracema numa kitnet com mais sete pessoas; **Thiago Galvão** por me presentear com meu primeiro livro de Freud.

Aos meus amigos de uma galáxia muito, muito distante, **Adriano Barrada, Alan Arruda, André Arruda e Rodrigo Rasec**, que a Força esteja com vocês.

A todo **colegiado do curso de psicologia da UFT – Campus de Miracema**, por ensinar que independente da abordagem é importante sempre manter o compromisso social.

“Não nos provoca riso o amor quando chega ao mais profundo de sua viagem, ao mais alto de seu voo: no mais profundo, no mais alto, nos arranca gemidos e suspiros, vozes de dor, embora seja dor jubilosa, e pensando bem não há nada de estranho nisso, porque nascer é uma alegria que dói. *Pequena morte*, chamam na França a culminação do abraço, que ao quebrar-nos faz por juntar-nos, e perdendo-nos faz por nos encontrar e acabando conosco nos principia. *Pequena morte*, dizem; mas grande, muito grande haverá de ser, se ao nos matar nos nasce.”

(Eduardo Galeano, *O livro dos abraços*)

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa teórica em psicanálise, cujo objetivo principal é compreender qual é a importância da teoria do masoquismo para a constituição do Eu dentro da psicanálise freudiana. Desde sua apresentação em 1905, Freud coloca o masoquismo como um problema para a economia psíquica. Depois de anos de investigação, é em 1924 que esse problema econômico do masoquismo é posto em pauta para pensar a sua forma de organização no interior do sujeito e os impactos de sua manifestação. Esse progresso só se torna possível após os avanços metapsicológicos de 1914 e, mais especificamente, posteriormente a apresentação da pulsão de morte em 1920, que desencadeia a formulação da segunda tópica. Esses desdobramentos não só apresentam uma nova concepção para o masoquismo – o masoquismo erógeno – como também para uma nova forma de organização psíquica, na qual o Eu ganha ainda mais ênfase ao se pensar a sua constituição desde sua origem a partir do Id. Nos propomos então a articular esses dois princípios: o processo de formulação do Eu e o masoquismo constitutivo, para compreender como esse último contribui para a origem egóica e, conseqüentemente, para a estruturação subjetiva. Em 1924, ao propor que o masoquismo erógeno é o representante da amálgama da pulsão de morte com Eros, Freud o posiciona dentro da construção psicogenética, na qual esse corresponde à manutenção da vida. O masoquismo erógeno é, o que tentamos apresentar neste trabalho, a dimensão que contribui, junto a outros aspectos psíquicos, para proteção do desenvolvimento do Eu por via da transformação da agressividade constitutiva para fins da pulsão de vida.

Palavras-Chave: Masoquismo. Eu. Constituição psíquica. Freud. Psicanálise.

ABSTRACT

The present work was developed from theoretical research in psychoanalysis whose main objective is to understand the importance of the theory of masochism for the Ego's constitution within the Freudian psychoanalysis. Since its presentation in 1905, Freud has placed masochism as a problem for psychic economy. After years of investigation, it is in 1924 that masochism's economic problem is on the agenda for its form of organization within the subject and the impacts of its manifestation. This progress becomes possible after the metapsychological advances in 1914 and specifically after the presentation of the death drive in 1920, which triggers the formulation of the second topic. This unfolding not only presented a new concept, the erogenous masochism, but also a new form of psychic organization in which the Ego's constitution gains emphasis when it comes to its origin from Id. We then propose to articulate these principles: the Ego's formulation process and the constitutive masochism to understand how the latter contributes to the egoic origin and to the subjective structuring. In 1924 when proposing that erogenous masochism is the representative of the amalgamation of the death drive with Eros, Freud places it within the psychogenetic construction in which it corresponds to the maintenance of life. Erogenous masochism is, as we try to present in this work, a dimension that contributes along with other aspects of psychic development to protect the Ego's development through the transformation of constitutive aggressiveness for the purpose of the life drive.

Keywords: Masochism. Ego. Psychic constitution. Freud. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	12
3 O PROCESSO HISTÓRICO DE CONSTITUIÇÃO DO EU	13
3.1 O Eu no Projeto para uma psicologia científica.....	18
3.2 O Eu na primeira tópica	21
3.3 A função do Eu nos textos metapsicológicos.....	24
3.4 O Eu além do princípio do prazer e a elaboração da segunda tópica....	31
4 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE MASOQUISMO NAS OBRAS FREUDIANAS.....	42
4.1 Masoquismo como perversão nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade	42
4.2 Os destinos do masoquismo.....	46
4.3 A fantasia a serviço do masoquismo.....	50
4.4 A solução para o problema econômico do masoquismo	55
5 A CONTRIBUIÇÃO DO MASOQUISMO PARA A CONSTITUIÇÃO DO EU	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

As investigações que surgem a partir da noção de masoquismo nos levam, antes de tudo, às reflexões em torno dos cruzamentos e implicações que o termo em si carrega, bem antes das ideias de Freud para desmistificá-lo como uma errância sexual e enquadrá-lo dentro dos processos comuns à gênese do desenvolvimento psicosssexual. Ou seja, abordar o masoquismo como objeto de pesquisa, independente da visão teórica que se decide investigá-lo, requer reconhecer sua origem, contradições e estigmas.

É importante desde já esclarecer que o masoquismo não surge com Masoch, mas sim do olhar patologizante de uma época (não muito distante desse contemporâneo) que buscava, grosso modo, encarcerar o que pudesse ser caracterizado como desvio de conduta própria da moral e dos bons costumes, juntamente com a visão psiquiátrica (também não muito distante dessa contemporânea) que pretendia categorizar aquilo que se apresentava como excesso para os padrões de saúde nos meados do século XIX.

Assim, a atribuição do termo masoquismo às práticas descritas nas obras do escritor Leopold Ritter Von Sacher-Masoch possui total influência daquilo que o filósofo Foucault (1988) descreve como biopoder; a ideia de uma ordem política sobre os preceitos de uma sociedade higienizada, que se desdobra sobre o controle dos corpos diante das relações de poder, onde são dominados e suas práticas ferozmente disciplinadas visando controle, fiscalização e normatização.

Esse modelo de produção de subjetividade é, para Foucault (1988), por ser de ordem política e econômica, o principal viés no qual se detém a ciência do século XIX. É propriamente nesse cenário que Krafft-Ebing (2017), após ter conhecimento das obras de Masoch, nomeia como masoquismo a psicopatologia sexual no qual a pessoa busca formas de prazer que envolve dor, humilhação, escravidão, ou outros tipos de assujeitamento.

Krafft-Ebing (2017), ao categorizar as ações autobiográficas de Sacher-Masoch como perversões sexuais, faz transgredir o escritor, literário e artista para o quadro de pervertido, um diagnóstico que o prende dentro de signos clínicos em uma proposta de universalizar o que seria a normalidade e o que seria errado dentro da prática sexual, sujeitada a lógica do biopoder. A psiquiatrização do masoquismo detém para sempre a imortalidade do nome de Masoch a uma prática que deturpa totalmente o que expressava o autor em suas obras, que fazia da sua vida arte. Sacher-Masoch era sobretudo um artista que se permitiu viver distante dos padrões e normas de controle (PIETRO, 2012).

Em sua principal obra *A vênus das peles* (2020), a qual carrega todos os signos que fizeram com que Krafft-Ebing os denominasse como sintomas do masoquismo, Sacher-Masoch evidencia o tom que o caracterizou como masoquista, mas que é antes disso o seu modo de vida, que mantém, sim, um alto grau de eroticidade e sensualidade, contudo se detém dentro de um manifesto de liberdade artística, sobretudo de uma experiência singular e humana.

Para Deleuze (2009) Sacher-Masoch está para além do aprisionamento proposto pela psiquiatria do século XIX, ele foi um artista que soube experimentar da melhor maneira todos seus desejos e que por isso a sua criatividade, individualidade e sensibilidade deve estar à frente de qualquer selo patologizante. Apesar disso, o autor acabaria por ficar mais conhecido pela designação psiquiátrica do que por conta de sua arte: “Sacher-Masoch foi um escritor reconhecido e brilhante do séc. XIX, até o momento em que seu nome foi usado para designar uma patologia: *masoquismo*. Passou-se então, a conhecer a doença e se esquecer do escritor” (PIETRO, 2012, p. 17).

Dessa forma, o termo masoquismo foi ganhando notoriedade e fama, uma vez que o comportamento expresso por Sacher-Masoch em suas obras era encontrado em práticas sexuais de outros sujeitos, chegando a ganhar espaço dentro dos manuais estatísticos de diagnósticos. O masoquismo é incluído na 10ª revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas relacionados à saúde - o *CID-10*, na seção de transtornos mentais e comportamentais, mais especificamente dentre as consideradas parafilias, que é descrito como transtornos de preferência sexual. Já na 4ª edição revisada do *Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-IV-TR) é localizado dentre as parafilias na seção de “transtornos sexuais e de identidade” como “masoquismo sexual”.

No DSM-V, por sua vez, está incluso dentre as parafilias como a designação de “Transtorno de Masoquismo Sexual”. Em ambas as versões do DSM o masoquismo enquanto parafilia é definido como uma necessidade de ser humilhado, espancado, amarrado ou qualquer outra forma de sofrer para obter prazer sexual, juntamente com outras práticas descritas como transtornos sexuais: sadismo, exibicionismo, voyeurismo, frotteurismo, fetichismo, pedofilia e etc.

Mesmo que o termo masoquismo tenha rompido o tempo e tenha se cristalizado como um “transtorno sexual”, com Freud (1905/2016) o masoquismo é apresentado como sendo o termo cunhado por Krafft-Ebing para representar uma perversão sexual. Freud, assim como um dos objetivos deste trabalho, não tentava trazer justiça a Masoch, mas via aquela subversão da prática sexual como uma fase comum ao desenvolvimento psicosexual. Apesar de ter ganhado

ênfase em *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), menções a práticas masoquistas já haviam aparecido em Freud desde *A interpretação dos sonhos* (1900/2019).

Se em um primeiro momento da teoria freudiana o masoquismo já se apresentava como um problema dentro dos processos reguladores do psiquismo, com o passar do tempo Freud vai dando mais espaços para incluí-lo para além de uma manifestação legítima da sexualidade, mas como um dos processos fundamentais da formação psíquica (BUCHAÚL; CÂMARA, 2016).

Os avanços metapsicológicos a partir de 1914 com a teoria do narcisismo, permitiu com que o masoquismo pudesse novamente entrar em evidência desde sua apresentação na psicanálise em 1905. Obras como *Os Instintos e seus destinos* (1915a/2010) que trazem o masoquismo para ainda mais perto da metapsicologia e da aproximação com a ação ativa e passiva da pulsão, assim como *Batem em uma criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919/2010), que aborda a fantasia masoquista infantil para se pensar a gênese das neuroses, acarretam em avanços significativos que levaram Freud a centralizar, anos depois, o masoquismo como importante dentro da formação da segunda tópica.

É com *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011) que Freud vai trazer novas perspectivas para a gênese do masoquismo, a ponto de antecipá-lo a sua contrapartida, o sadismo. Nessa obra, Freud apresenta três tipos de masoquismo, ou melhor, três momentos, sendo o primeiro, o masoquismo erógeno, como base para as outras duas formas – feminino e moral. É nesse momento que a teoria freudiana abre espaço para se pensar o masoquismo dentro de outros processos que constituem a gênese da psique humana.

Se após a teoria do narcisismo, a partir de 1914, Freud se debruça mais categoricamente a se pensar processos sobre a constituição subjetiva fundamentado em sua metapsicologia, abre-se um leque que o leva até a formulação da ideia de pulsão de morte, o que por sua vez acarreta na reformulação de sua topografia psíquica. Essa pesquisa, então, propõe a pensar como o masoquismo impacta diante dessas mudanças na gênese humana, mais especificamente, como ele sai de uma perversão sexual, um problema econômico para uma teoria que o estabelece como constitutivo no desenvolvimento do aparelho psíquico. Procuramos, assim, tentar encontrar como o masoquismo contribui para a gênese do Eu na teoria freudiana.

É por esse motivo que nos limitamos a abordar a história do termo masoquismo apenas até esse momento, já que daqui em diante nos debruçaremos sobre o desenvolvimento desse conceito ao longo das obras de Freud, marcando tanto em um tempo cronológico como de desenvolvimento de impacto na psicanálise. Para isso, é importante também que apresentemos como o Eu vai se formulando desde sua apresentação em *O projeto para uma psicologia*

científica (1950 [1895] /1997), texto esse que é anterior até mesmo ao nascimento da psicanálise, mas que já apresenta uma ideia concisa de elementos que serão admitidos posteriormente como fundamentais para a noção de Eu, até sua transformação após a virada de 1920. Mas, sobretudo, nos implicamos acerca da participação e contribuição da teoria do masoquismo que se estabelece após 1924 para a constituição desse Eu em Freud.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho fundamenta-se de uma pesquisa teórica em psicanálise, que tem como principal objetivo responder à pergunta que norteia toda essa investigação a partir da obra freudiana: Qual a contribuição da teoria do masoquismo para a constituição do Eu em Freud? Para que possamos alcançar esse objetivo, limitamos a pesquisa ao que consiste a psicanálise dentro do que é estabelecido por Freud, sendo assim, suas obras é o nosso principal contorno.

Estabelecemos esse limite para o seguinte trabalho por entendermos ser importante investigar a base do que determina toda a psicanálise até o que se tem conhecimento nos tempos atuais. Compreendemos e temos conhecimento de outros autores que abordam esse tema com o olhar psicanalítico, mas optamos em concentrar nossos esforços em Freud pelo papel importante que esse funda na gênese da compreensão do psiquismo humano. Ainda assim, usamos de comentadores para não apenas enriquecer a escrita, mas como ferramenta que nos ajude no entendimento dos textos escritos pelo pai da psicanálise.

Se Freud define a psicanálise como uma teoria, uma técnica e uma método de investigação (ROUDINESCO, 2000) isso nos possibilita estabelecer métodos de pesquisa em psicanálise que vão para além do tão debatido “método psicanalítico de pesquisa”, o mesmo pelo qual se deteve Freud em suas investigações; partindo da prática clínica para a teoria. É isso que nos aponta Fortes e Macedo: “Tomando-se o método psicanalítico, em sua essência, como singular modelo de recurso investigativo sobre o humano, é pertinente considerar a viabilidade de sua prática conduzida na universidade” (2018, p. 106).

É por esse viés de investigar sobre o humano que partimos. Usamos por isso a teoria do masoquismo em Freud, quando esse o estabelece como tal em 1924 ao formular a ideia de um masoquismo ergonómico e constitutivo. No entanto, sabemos que existe toda uma trajetória sobre o masoquismo desde as primeiras obras psicanalíticas, a contar da sua aparição como perversão enquanto termo designado por Krafft-Ebing (2017) para remeter a uma errância sexual. Sobre isso, aderimos o que demonstra Monzani (2014) ao referir-se sobre a forma que Freud retorna a um determinado tema, caracterizando esse formato freudiano de escrita investigativa como um movimento de pêndulo espiralado. Trata-se, pois, de pensar esse movimento como a condição:

em que as mesmas questões são abordadas, “esquecidas”, retomadas, mas não no mesmo nível em que estavam sendo tratadas anteriormente... Trata-se de vários procedimentos e operações... O que temos é sempre uma progressiva rearticulação e redefinição dos conceitos determinada por sua lógica interna e pela progressiva integração dos dados da experiência (MONZANI, 2014, p. 295).

Seguir essa lógica é, portanto, determinar, dentro de uma pesquisa bibliográfica, objetivos que nos permitam alcançar o cerne da problemática desta pesquisa, sem esquecer o pêndulo espiralado que envolve ao longo dos textos. Definimos então: apresentar o processo histórico de constituição do Eu em Freud; destacar o desenvolvimento do conceito de masoquismo na obra freudiana; e apresentar a contribuição do masoquismo para a constituição do Eu em Freud.

Tomamos a noção de masoquismo em Freud como ponto nodal desta pesquisa pela forma como esse transgride de um desvio sexual a “um fenômeno fundamental para teoria psicanalítica” (BUCHAÚL, 2015, p. 12). Apesar da extensa dedicação a esse tema e a centralização dele como ponto de partida, ele só aparece de fato no segundo capítulo deste trabalho, por acreditarmos na importância em apresentar todo o processo em que o Eu é submetido dentro da psicanálise, desde a pré-psicanálise, passando por sua formulação na primeira tópica e sua reafirmação e ampliação a partir da segunda tópica.

Sendo assim, subdividido em quatro partes, dedicamos o primeiro capítulo ao que consiste todo o processo de constituição do Eu tal como é apresentado historicamente. Essa divisão não só nos permite uma compreensão histórico-conceitual, mas também consente um olhar mais abrangente das mudanças as quais o Eu é submetido ao longo da teoria. Dessa forma, partimos de como Eu é inserido por Freud dentro da sua primeira ideia de um aparelho psíquico, ou melhor, sua ideia do funcionamento mental. O *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895] /1997), que pode ser caracterizado como a fase pré-psicanalítica, traz um Freud neurologista tentando encontrar uma conexão entre os níveis fisiológico e psicológico para a sua ideia de como a mente humana funciona (WOLLHEIM, 1971); uma estrutura dentro do grupo de neurônios ψ , e responsável pela regulação interna através de facilidades que afastariam as experiências desprazerosas.

Essa ideia de um Eu responsável por manter o bom funcionamento interno irá permanecer quando a psicanálise é fundada, porém não mais como uma organização dentro de um sistema neuronal, mas como uma instância psíquica sem correspondência com o cérebro. Assim, n’*A interpretação dos sonhos* (1900/2019), apresentando a primeira tópica, Freud dedica a maior parte do seu trabalho a demonstrar as regras em que fundamenta a sua noção do inconsciente (MONZANI, 2014). Por esse motivo, o Eu, apesar de ganhar um grande destaque, não é o protagonista desse momento.

Através dos textos metapsicológicos, mostramos o impacto da teoria do narcisismo para a compreensão da gênese do psiquismo, mas também como o Eu, desse momento em diante,

toma para si um certo protagonismo. Para isso, partimos do impacto da teoria psicosexual que é descrita nos *Três ensaios sobre a teoria de sexualidade* (1905/2016), na qual é abordada o desenvolvimento da noção de pulsão e de sexualidade psíquica, para assim demonstrar a evolução, dentro do movimento espiralado descrito por Monzani (2014), de tais conceitos e o impacto para a metapsicologia.

Demonstramos, então, como a teoria do narcisismo recoloca o Eu, agora como protagonista, dentro da concepção da gênese do aparelho psíquico. O impacto dessa nova elaboração teórica em torno do narcisismo impacta diretamente a psicanálise como um todo, fazendo com que Freud retorne a algumas obras, mas também concentre seus esforços em concretizar pesquisas que fortaleçam a sua nova tese, o que se apresenta nas obras que se segue dando origem ao conjunto de textos metapsicológicos que se inicia com *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) dos quais explanamos aqui: *Os instintos e seus destinos* (1915a/2010); *O inconsciente* (1915b/2010); *Luto e melancolia* (1917[1915]/2010).

O efeito das teorias que surgem no período histórico dos textos metapsicológicos implica em elaborações cruciais para dentro da psicanálise, e conseqüentemente para a noção do Eu. Destacamos essas conseqüências levando em conta as concepções que se iniciam a partir de 1920, em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), buscando destacar como a realização da pulsão de morte transforma o pensamento freudiano e leva a psicanálise a novos rumos, o que gerando novo dualismo pulsional e a elaboração da segunda tópica. Com efeito, apresentamos como Freud, em *O Eu e o Id* (1923/2011) concebe essa segunda tópica e expõe novas instâncias, ampliando sua construção do aparelho psíquico.

Assim sendo, temos também uma nova compreensão do Eu, que posiciona sua constituição pouco antes daquela apresentada em 1914, ou melhor, a descreve em um processo de construção histórica dentro da gênese do aparelho psíquico. Freud, nesse período, busca evidenciar como o inconsciente é mais complexo do que se pensava e como esse está mais intrínseco nos processos mentais. Para isso, usa da descrição constitutiva do Eu não somente para apresentar as novas instâncias – Id e Super-eu –, mas para definir a importância desta parcela inconsciente no cerne da personalidade.

No segundo capítulo, tal como fizemos no capítulo I, seguimos a lógica de demonstrar as interfaces que seguem a apresentação do conceito de masoquismo ao longo das obras de Freud. Dessa forma, destacamos como o masoquismo, nesse primeiro momento, é descrito como uma perversão sexual nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016). Sobretudo, o que mais chama atenção nesse momento é como o masoquismo é um enigma para

a regulação do aparelho psíquico regido pelo princípio do prazer. Se o fim último do masoquismo é o aumento de tensão, o prazer como desprazer, como poderia esse encaixar na compreensão de que o aparelho psíquico visa sempre se livrar do aumento de tensão? Esse pensamento, de que o masoquismo é uma posição passiva diante do objeto de amor, irá permear toda a ideia de masoquismo até 1924.

Assim, durante a produção dos textos metapsicológicos, Freud retorna ao masoquismo e seu impasse econômico em *Instintos e seus destinos* (1915a/2010). Partindo do masoquismo para compreender as vicissitudes pulsionais, aqui vemos a maneira pela qual esse conceito é concebido como um movimento secundário ligado às organizações narcísicas do Eu e um complemento à teoria do desenvolvimento psicosexual. Conseqüentemente abordamos inteiramente as exposições da obra *Batem em uma criança - contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919/2010), por compreender seu valor capital ao designar o masoquismo como um complemento fundamental as fantasias sexuais infantis, tão importantes para a compreensão da etiologia das neuroses. Ao fim deste capítulo, destacamos como Freud (1924/2011) encaixa o masoquismo dentro do novo dualismo pulsional.

A teoria de Freud sobre o masoquismo erógeno ser uma parte constitutiva do indivíduo por representar a amálgama da pulsão de morte com Eros é o ponto nodal que nos levou a pensar uma participação importante do masoquismo para a constituição do Eu. Por colocar o masoquismo como fundamental para a regulação de processos no cerne do aparelho psíquico, procuramos destacar essa importância do masoquismo erógeno e como esse momento acarreta uma mudança significativa na forma de conceber esse conceito. O resultado das informações presentes em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011), obra que abordamos aqui e da qual partimos para o último capítulo, permite pensarmos e encaixar esse momento constitutivo na origem do Eu em Freud.

Por conseguinte, no capítulo que ajuda a nomear esse trabalho, reunimos o apresentado sobre a constituição do Eu juntamente com a ideia com a qual finalizamos o capítulo II, a fim de responder a problemática que circunda essa pesquisa. Buscamos não perder de vista que Freud (1924/2011) apresenta uma nova faceta do masoquismo com o intuito de responder a impasses dentro da lógica do prazer-desprazer e da economia pulsional, simultaneamente articula uma nova forma de regulação por parte do aparelho psíquico. É por viés que vemos um caminho para se pensar o impacto na constituição do Eu.

Nesse aspecto, agregamos a esse trabalho vozes que nos ajudam a compreender as articulações realizadas em torno dos diálogos com Freud; os autores que nos ajudam na

compreensão sobre o Eu, como Bomfim (2008), Costa (1991), Garcia-Roza, (2009), Wollheim, (1971). Assim como aqueles que nos auxiliam na compreensão do masoquismo, tanto no seu desenvolvimento histórico como para a contribuição constitutiva do Eu; Buchaúl (2015), Câmara (2016), Fortes (2007), Rosenberg (2003), entre outros que agregam a essa pesquisa.

É importante destacar que optamos por respeitar a forma como cada um desses autores apresenta suas nomenclaturas e traduções para cada conceito. Mesmo que não concordemos com o termo usado, como é o caso de alguns que estão presentes na tradução das obras de Freud que usamos, ainda assim achamos melhor respeitar a forma como o autor/tradutor decidiu realizar em seu estudo. Dessa forma, termos como “Ego”, usado nas citações de alguns comentadores ao se referir ao que apresentamos aqui como “Eu”, e “instinto”, usado nas traduções das obras de Freud¹ para se referir a “pulsão”, por mais que não represente nossa concepção para essa pesquisa, acreditamos na credibilidade e responsabilidade que cada um desses autores exprime em seus trabalhos.

Por fim, ressaltamos que o tema escolhido para essa investigação teórica em psicanálise revela a pretensão em discutir uma temática que com certeza abarca dúvidas, mas que não perde de vista um dos postulados principais de Freud, ampliar o debate em torno de teorias que nos ajude a compreender melhor o funcionamento psíquico do ser humano. Assim, acreditamos que as escolhas norteadoras para a construção deste trabalho constituem um núcleo importante no que concerne ao pensamento de Freud sem desrespeitá-lo ou desrespeitar sua obra. Da mesma forma, acreditamos que os diálogos aqui, por não buscar dar soluções, mas sim indagar teoricamente possíveis caminhos dentro do olhar psicanalítico, podem servir para questionamentos mais complexos sobre a constituição do Eu, o desenvolvimento da teoria do masoquismo e a gênese psíquica.

¹ Utilizamos as versões das obras completas de Freud da editora Companhia Das Letras, com tradução de Paulo César de Souza.

3 O PROCESSO HISTÓRICO DE CONSTITUIÇÃO DO EU

3.1 O Eu no Projeto para uma psicologia científica

O inacabado e intrigante texto de Freud *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1997), ou, como ele define na carta 23² endereçada a Fliess, em abril de 1895, sua “psicologia para neurologistas”, apesar de ficar guardada durante anos, aborda conceitos e teorias que estariam presentes ao longo de toda obra freudiana. O que faz desta uma obra instigante e fonte de investigação, mesmo tendo sido abandonada por Freud, é o reconhecimento de uma base rica dentro da história e dos primórdios do pensamento daquilo que viria a ser a psicanálise.

As ideias presentes no manuscrito do *Projeto* que data a década de 1895, mesmo que sua publicação tenha sido realizada em 1950, anos após a morte de Freud, agrega valor ao que se concebe como um avanço dentro da visão que se propunha a estabelecer um modelo de funcionamento mental, que, conseqüentemente, enriqueceria as já desenvolvidas hipóteses sobre a forma como o homem se estrutura em seu íntimo. Junto a isso, e não menos importante, revela a persistência em provar uma ideia geral sobre o funcionamento mental. Wollheim (1971) destaca esse texto como sendo a prova de um Freud preocupado com as funções psicológicas, mas tentando encontrar um lugar material para tais funções.

Permanecendo, de certa forma, como uma obra abandonada por Freud, o *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1997) se divide em 3 partes, onde o capítulo I apresenta os princípios teóricos e as problemáticas nas quais se encontra a importância em destacar a materialidade do psiquismo; por sua vez, o capítulo II se preocupa em apresentar uma composição das organizações patológicas a partir da compreensão da especulação do esquema mental proposto por Freud; e por último, o capítulo 3, traz, como o nome que se inicia essa terceira parte sugere, “uma tentativa de representar os processos normais” de acordo com o que é apresentado ao longo dos capítulos I e II.

Wollheim (1971) destaca esse período como sendo onde os pensamentos de Freud estavam mais voltados para a elaboração de uma teoria da mente que estreitasse as relações entre os níveis fisiológico e psicológico. Sendo assim, a psicologia para neurologistas proposta nesse momento é “uma descrição neurológica do cérebro e seu funcionamento. Como tal, visa

² Essa menção a carta de Freud endereçada a Fliess se encontra na introdução comentada por James Strachey do texto *Projeto para uma psicologia científica, no Vol. 1: Publicações pré-psicanalíticas e Esboços inéditos* (1886-1889), da editora Imago.

uma correspondência com os fatos da anatomia” (WOLLHEIM, 1971, p. 49). O que Freud de fato tenta propor é:

prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição (FREUD, 1950 [1895] /1997, p. 23-24).

Sendo assim, o modelo da mente apresentado no *Projeto* funciona a partir de uma especulação sobre estruturas materiais, que seriam fundamentais para o funcionamento normal do psiquismo. Essas partículas materiais as quais Freud se refere são denominadas como neurônios, formando uma rede neural complexa. Esses neurônios têm a função de perceber e receber a quantidade de energia (Q) gerada por estímulos tanto do mundo externo como do mundo interno do indivíduo. Assim, esse modelo mental funciona a partir do princípio da constância, no qual Q tende a ser descarregada do sistema neural para reduzir a tensão gerada pelo acúmulo dessa energia, mas sem nunca chegar a zero, o que necessita que uma certa medida de Q fique armazenada no sistema (FREUD, 1950 [1895] /1997).

O princípio da inércia, que em linhas gerais seria o responsável pelo movimento no qual a organização psíquica do *Projeto* se pauta, é um empréstimo freudiano do esquema do arco reflexo da neurofisiologia “em que tudo que se supõe é um elemento sensorial ou receptor, um elemento motor e uma descarga que é imediata e total, isto é, equivalente à estimulação” (WOLLHEIM, 1971, p. 51). O que acontece é que essa energia recebida através dos estímulos, para ser registrada enquanto experiência subjetiva, necessita de um lugar específico onde se localizaria a memória.

Sobre a descrição dada a organização neuronal, Freud especula 3 grandes sistemas; o sistema ϕ , que são considerados os perceptivos ou sensoriais, os ψ , neurônios responsáveis pela memória e ω , relativos à consciência. Dentro dessa “teoria do neurônio” (FREUD, 1950 [1895] /1997, p. 225), no sistema ϕ se encontrariam neurônios mais permeáveis à passagem de Q, não oferecendo resistências a energia dos estímulos. Por outro lado, o sistema ψ oferece uma forma distinta da anterior, apresentaria alta resistência quanto a passagem de Q, assim reteriam, em menor ou maior grau, certa quantidade de Q. É então dessa maneira que Freud estabelece, quando separa esses dois sistemas, funções as quais seu esquema mental resolveria a problemática do princípio da inércia. Uma parte da descarga seria eliminada, diminuindo assim o acúmulo de tensão, porém, uma parte dessa energia seria mantida, o que garantiria a integridade do indivíduo diante de seu funcionamento normal (FREUD, 1950 [1895] /1997).

Na retenção dessa parte de Q pelos neurônios ψ , ou melhor dizendo, nestes neurônios catexizados, ocorreriam as facilitações, que seriam caminhos que se formaram, por conta da modificação dos neurônios, gerando uma memória por onde Q encontraria um caminho antes facilitado pela repetição da entrada de estímulos excitatórios no aparelho:

Esses neurônios ficam permanentemente alterados pela passagem de uma excitação. Se introduzirmos a teoria das barreiras de contacto: as barreiras de contacto deles ficam em estado permanentemente alterado. E como o conhecimento psico[lógico] demonstra a existência de algo assim como um re-aprender baseado na memória, essa alteração deve consistir em tornar as barreiras de contacto mais capazes de condução, menos impermeáveis e, assim, mais semelhantes às do sistema. Descreveremos esse estado das barreiras de contacto como grau de facilitação [Bahnung]. Pode-se então dizer: a memória está representada pelas facilitações existentes entre os neurônios (FREUD, 1950 [1895] /1997, p. 227).

O último desses sistemas que se pretende apresentar brevemente para que se tenha uma boa compreensão sobre o Eu na perspectiva do *Projeto*, é o sistema ω , também chamado de neurônios de consciência. Esse grupo de neurônios estaria mais distante dos neurônios perceptíveis e mantendo contato apenas com os neurônios mnêmicos. Como existem estímulos endógenos que geram uma quantidade de energia correspondendo a necessidades humanas, tais como a fome e o sexo, ou seja, a busca por uma determinada satisfação prazerosa, mas que pode gerar desprazer diante do acúmulo de tensão pela não satisfação de exigências internas, o sistema ω daria qualidades subjetivas a essas experiências.

O sistema ω é impossibilitado de receber Q, sendo assim impossibilitado do armazenamento de energia. Caberia ao sistema ψ encontrar caminhos que fariam a consciência separar o que seria prazeroso ou desprazeroso. É nesse ponto então que começamos a abordar como o Eu é apresentado por Freud nessa obra tão intrigante e cheia de informações.

O Eu seria “uma organização, cuja existência perturba cursos quantitativos que foram executados, na primeira vez, de uma forma determinada, ou seja, acompanhados de satisfação ou de dor” (FREUD, 1950 [1895] /1997, p. 245). O Eu aqui seria formado dentro do sistema ψ como correspondente diretivo às experiências de prazer e desprazer que seriam compreendidas subjetivamente em ω . Em outras palavras, o Eu, através das facilitações encontradas pelos neurônios ψ , afastaria de ω experiências desprazerosas, mantendo o bom funcionamento interno, enviando energia à diversas partes do sistema, agindo como um controlador do processo secundário.

Garcia-Roza (2009) sinaliza que esse Eu especulado no projeto não deve ser entendido como tendo um caráter tal como o de sujeito, indivíduo ou totalidade, por possuir uma função essencialmente inibidora. O Eu encontrado nessa pré-psicanálise em 1895 trata-se mais de “um

objeto, uma formação particular interior ao sistema ψ , não possuindo acesso à realidade, não sendo sujeito da percepção, da consciência ou do desejo” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 56). A respeito disso, é importante atentar para o fato de que o Eu nesta obra é uma descrição basilar do que seria desenvolvido com a inauguração da psicanálise em 1900, com a célebre obra *A interpretação dos sonhos* e a apresentação da primeira tópica do aparelho psíquico.

3.2 O Eu na primeira tópica

Apesar da importância do seu estabelecimento e papel dentro do *Projeto*, e mesmo sendo um conceito constante no decorrer da história psicanalítica e dos processos psicopatológicos, como veremos, o Eu ganha um papel de coadjuvante dentro das investigações freudianas e da proposta de sua primeira tópica. É a partir daquilo que é apresentado n’*A interpretação dos sonhos* (1900/2019) que esse pressuposto se situa. Ao decorrer de sua mais importante obra, fica nítido que a principal intenção de Freud nesse momento é mostrar o funcionamento do inconsciente:

Mas não fizemos nenhum progresso para solucionar o enigma de porque o inconsciente, no sono, nada mais pode oferecer do que a força motriz para a realização de um desejo. A resposta a essa questão deve lançar luz sobre a natureza psíquica do desejo; essa resposta deve ser dada com a ajuda de nosso esquema do aparelho psíquico (FREUD, 1900/2019, p. 617).

Em vista disso, a respeito do conceito de Eu nesse período, Bomfim (2008) afirma:

Sabe-se que este conceito possui um papel secundário na articulação da tópica. O que pode ser notado nas raras asserções tematizadas acerca do ego é que Freud estreita ainda mais os seus laços com o sistema pré-consciente-consciente, sendo muitas vezes tratados como idênticos. Uma justificativa para tal asserção é o fato de o ego se apresentar como um pólo de oposição a partir do qual o autor de *A interpretação dos sonhos* pôde pensar e analisar o “lugar” do inconsciente, sua descoberta inédita e que precisava ser exposta ao leitor não familiarizado com o conceito (BOMFIM, 2008, p. 34-35).

Através das suas descobertas sobre os sonhos serem manifestações de desejos que se encontrariam em um lugar específico do psiquismo e que esse lugar operaria a partir de suas leis próprias, Freud (1900/2019) apresenta então, a fim de demonstrar o funcionamento do inconsciente enquanto uma instância do aparelho psíquico, a primeira tópica. De fato, o estabelecimento da primeira tópica funciona como uma demonstração descritiva e especulativa sobre o trabalho mental separado por instâncias. Ou seja, lugares teóricos, psiquicamente distintos, possuidores de funcionamentos específicos, separados topologicamente.

Mesmo que a intenção nesse momento seja demonstrar a função dos processos psíquicos, a apresentação da primeira tópica no capítulo VII: *a psicologia dos processos oníricos* de *A Interpretação dos sonhos*, no item B: *A regressão*, também mostra uma evolução no pensamento de Freud ao se desvencilhar da ideia de estruturas materiais para a organização psíquica. Abandonando a descrição da psique por via neural e, conseqüentemente, a busca por uma via anatômica dos processos psíquicos, a primeira tópica se constitui pelas instâncias inconsciente, pré-consciente e consciente.

Apesar da primeira tópica ter de fato esse foco voltado para as instâncias, o Eu nunca deixa de ser mencionado ou ter um papel importante, como de fato acontece nesta que é considerada a primeira fase da psicanálise. Freud reafirma isso em suas *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917/2014) ao reiterar o dualismo do primeiro conflito pulsional:

O conflito patogênico é, pois, um conflito entre os instintos do Eu e os instintos sexuais. Em toda uma série de casos, é como se ele pudesse também ser um conflito entre diversas tendências puramente sexuais; mas isso, no fundo, significa a mesma coisa, uma vez que, das duas tendências sexuais em conflito, uma sempre é conforme ao Eu, por assim dizer, enquanto a outra requer que ele se defenda. Permanece, portanto, um conflito entre o Eu e a sexualidade (FREUD, 1916-1917/2014, p. 465).

Como se pode notar após a teoria da pulsão sexual apresentada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), o Eu funciona como a estrutura psíquica que protege a integridade do sujeito. Esse modelo de funcionamento faz total jus, é claro que como uma forma mais elaborada, com que é apresentado em 1900. Ao tratar sobre a angústia da realização de desejos através do sonho, por exemplo, Freud já caracteriza essa função de protetor psíquico que encarrega ao Eu, sobre o qual coloca a função de proteger o indivíduo durante o sono de desejos reprimidos que seriam penosos para o sonhador:

A satisfação causada pela realização do desejo reprimido pode ser tão grande que compensa os afetos penosos ligados aos resíduos diurnos; então o sonho é indiferente em sua tonalidade emocional, embora seja, de um lado, a realização de um desejo, e de outro, a de um temor. Ou pode acontecer que o Eu adormecido participe de maneira ainda mais ampla da formação do sonho, que reaja à satisfação do desejo reprimido com forte indignação e ele próprio ponha fim ao sonho por meio da angústia. Portanto, não é difícil ver que os sonhos desprazerosos e os de angústia também são realizações de desejos conforme nossa teoria, tanto quanto os sonhos de satisfação puros (FREUD, 1900/2019, p. 609).

O estatuto do Eu, tanto em *A interpretação dos sonhos* (1900/2019) como em boa parte do desenvolvimento da primeira tópica, é, como Bomfim descreve em sua dissertação sobre *A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana* (2008), uma

tematização sobre a estreita relação junto ao sistema pré-consciente-consciente, onde algumas vezes se fazem até idênticos. Nesse mesmo direcionamento, Monzani (2014) atribui esse fato a preocupação de Freud em “delimitar, circunscrever e estabelecer as leis e regras que regulam esse espaço absolutamente original que tinha sido o resultado de suas descobertas clínicas – o inconsciente” (p. 239).

Fazendo alusão ao que diz Garcia-Roza (2009), o que é mostrado no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* possui uma conclusão complexa e que só será compreendida de fato com as produções posteriores, principalmente com os escritos metapsicológicos de 1914 (*Introdução ao narcisismo*) e 1915b (*O inconsciente*). O que precisamos compreender nesse momento é que a tópica aqui constituída, essa concepção do aparelho psíquico, é formada “por instâncias ou sistemas: o sistema inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Esse ‘aparelho’ é orientado no sentido progressivo-regressivo e é marcado pelo conflito entre os sistemas” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 77).

Sendo assim, como já foi dito, o Eu aqui possui um caráter ambíguo, e sobre isso, Bomfim (2008) alude ser possível notar que:

a partir de 1900, ao conceito de ego não mais serão relacionadas maiores considerações nas discussões metapsicológicas, não intervindo diretamente nas considerações tópicas, dinâmicas e econômicas dos fenômenos psíquicos. Além disso, nem mesmo com a dualidade pulsional entre pulsão de autoconservação (do ego) e pulsão sexual, proposta em 1915, o ego terá papel primordial, na medida em que as pulsões relacionadas a ele não se tornam alvo de grandes discussões. No entanto, a partir de 1914, com a *Introdução ao narcisismo*, o ego passará a ter um papel de destaque, ressurgindo após alguns anos de considerável ostracismo (BOMFIM, 2008, p. 36).³

Apesar do que considera esse autor, pode não ter sido objeto de grande protagonismo durante essa fase, no entanto, cabe destacar que o Eu continua tendo um papel importante. A ideia do conflito psíquico, por exemplo, é um dos pontos principais, ganhando mais destaque a partir de 1905, com *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e, posteriormente, em 1910a com *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*, que o coloca como a estrutura responsável e antagonista as pulsões sexuais. Esse protagonismo pode não ter existido nesse período, no entanto, o Eu sempre esteve envolto de grandes discussões dentro da

³ Bomfim (2008) apresenta de forma brilhante sobre o caráter ambíguo do Eu até esse período e sua participação durante os desenvolvimentos referentes à primeira tópica. No entanto, quando o autor apresenta a dualidade pulsional entre pulsão de autoconservação e pulsão sexual, que de fato é abordada de forma mais precisa a partir de 1914, há uma pequena disparidade de datas, visto que essa dualidade já havia sido apresentada em 1910, em *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão* (1910a/2013).

estruturação do sujeito, dos processos que circundavam a investigação clínica de Freud e, sobretudo, no decorrer da psicanálise.

Como é possível notar então, a noção de Eu se faz presente muito antes de Freud estabelecer o método psicanalítico, ou, melhor dizendo, muito antes de estabelecer a psicanálise. Durante a primeira década do desenvolvimento das obras psicanalíticas, o Eu fixa nesse papel de agente das defesas e protetor da subjetividade. É sobretudo com a *Introdução ao Narcisismo* (1914/2010) que vai ser restabelecido de fato discussões a respeito da sua dinâmica enquanto estrutura determinante para a organização interna do sujeito, ainda tendo a tópica apresentada em 1900 como plano descritivo dos processos anímicos.

3.3 A função do Eu nos textos metapsicológicos

Em 1905, Freud elabora sua teoria da libido, que seria uma manifestação oriunda da pulsão sexual. O conceito de pulsão [*Trieb*] estaria intimamente ligada à ampliação da sexualidade humana proposta dentro dos *Três ensaios da teoria da sexualidade*, pois seria ela “o representante psíquico de uma fonte endossomática” (FREUD, 1905/2016, p. 66). A sexualidade humana encontraria aqui o fator psíquico, não mais seria um instinto, uma predeterminação natural que se manifesta apenas na vida adulta, mas, sim, existiria desde os primórdios da vida do sujeito – desde a mais remota infância.

Ao propor que a sexualidade seria psicosexual e encontraria expressões desde a tenra infância, Freud (1905/2016) insere a noção de pulsões parciais para se compreender esse desenvolver da sexualidade desde muito cedo. Uma pulsão parcial pode ser minimamente explicada como um elemento inicial da sexualidade geral. As pulsões parciais são ligadas a fases do desenvolvimento psicosexual e, mais estritamente, a determinadas zonas erógenas que geram um prazer que seria sexual no âmbito mais amplo da palavra⁴.

As pulsões parciais, por serem independentes em suas formas de organização, revelam um momento crucial da vida do indivíduo – o autoerotismo. Freud (1905/2016) destaca essa atividade da sexualidade como sendo um momento na constituição do ser humano em que os impulsos não são dirigidos a objetos externos, mas que se satisfaz no próprio corpo, sendo assim denominado autoerótico. Esse estado original da sexualidade infantil, como destaca Garcia-

⁴ Aqui devemos considerar que o postulado por Freud para a sexualidade é intimamente ligado à noção de erotismo, que abarca muito mais que a atividade das funções reprodutivas (LAPLANCHE & PONTALIS, 2016).

Roza (2009), é anterior ao estado de narcisismo pelo fato de ter a pulsão sexual ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena específica no próprio indivíduo:

Quando Freud afirma que o autoerotismo se caracteriza por uma ausência de objeto sexual exterior, o que ele está defendendo não é a existência de um estado primitivo “anobjetal”, mas sim o caráter contingente do objeto da pulsão sexual, pois é exatamente essa característica que vai distinguir a pulsão sexual do instinto, para o qual haveria um caminho pré-formado em direção a um objeto determinado (GARCIA-ROZA, 2009, p. 99).

São nessas noções pré-estabelecidas nos *Três ensaios* que o Eu e sua dinâmica subjetiva vão ser tão importantes na retomada do conceito a partir de 1910, principalmente em 1914, em *Introdução ao narcisismo*. Nos *Três ensaios*, a investigação freudiana ainda não evidenciava dentro desse movimento da sexualidade infantil para a sexualidade adulta, o que explicaria a passagem do autoerotismo para a escolha objetal; somente a noção de pulsão, nesse momento, não seria suficiente para explicar esse movimento. O que faria compreender essa transformação de investimentos, dentro da lógica freudiana, seria postulado nos textos metapsicológicos; sendo importante as elaborações em torno do conceito de narcisismo e, conseqüentemente, o retorno às funções do Eu.

As implicações sobre o narcisismo na teoria freudiana e seus impactos no mecanismo psíquico não surgem diretamente em 1914. Apesar de ser em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) que de fato a teoria do narcisismo ganha um novo *logos* dentro da metapsicologia, o conceito já havia sido mencionado em uma nota de rodapé acrescentada em 1910, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Ainda durante esse período, as elaborações em torno do termo ganham força; um bom exemplo disso é o artigo *Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci* (1910b), que apresenta pela primeira vez uma menção direta ao mito de Narciso através de considerações analíticas em torno da homossexualidade, no qual Freud aborda a identificação narcísica entre Da Vinci e sua mãe.

Nota-se então que a teoria psicanalítica caminhava em direção a novas formas de se conceber as relações interpessoais e os mecanismos que influenciavam diretamente na personalidade, todos eles em volta, de forma não tão explícita, à estruturação do Eu. Não é à toa que em um intervalo de 4 anos trabalhos como: *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão* (1910a); *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911a); *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”)* (1911b); o já mencionado *Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci* (1910b), além das notas acrescentada durante esse período aos *Três ensaios*, já

repercutiam em seu bojo impasses dentro da psicanálise resultantes de investimentos libidinais e da articulação do Eu com os objetos externos. Tais impasses é o que leva Freud a articular o Eu dentro da problemática do narcisismo⁵ (COSTA, 1991).

Até esse momento, a metapsicologia parecia bem organizada dentro do que se propunha nas investigações dos aspectos clínicos e teóricos. Os esquemas em torno do conflito psíquico, onde se digladiavam as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, seguiam sem grandes alterações. Costa (1991), de forma até sintética sobre o que tratamos anteriormente, aponta que, nesse período ainda na lógica da primeira tópica:

a metapsicologia tinha aparência de uma linguagem bem-feita. Seus pressupostos eram fáceis de esquematizar. O conflito psíquico, pedra angular da psicanálise, explicava-se por um jogo de forças onde as partes se diferenciavam com nitidez. De um lado, as pulsões sexuais, as representações recalçadas, o princípio do prazer e os processos primários; do outro, as pulsões de autoconservação, as forças recalcentes, o princípio de realidade e os processos secundários. O Ego representava, no sistema PCs-Cs, os interesses da autoconservação e o princípio da realidade. Dele derivava a censura, que mantinha nas fronteiras deste sistema as representações sexuais. Os pólos da tensão eram claros. O Ego recalçava; defendia os interesses da autoconservação e do equilíbrio psíquico (COSTA, 1991, p. 110).

É em 1914 que, de certo modo, Freud começa a dar novos caminhos para sua teoria; com de fato uma abordagem teórica em torno do narcisismo, algumas lacunas deixadas ao longo do percurso ganham novos direcionamentos. Por esse motivo, *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) começa com o resgate sobre o termo, onde o autor trata de dar novos sentidos. Na descrição de P. Näcke⁶, narcisismo indicava para um desvio da conduta sexual, ou seja, uma perversão e seguindo com essa compreensão, destaca que “desenvolvido até este ponto, o narcisismo tem o significado de uma perversão que absorve toda a vida sexual da pessoa, e está sujeito às mesmas expectativas com que abordamos o estudo das perversões no geral” (FREUD, 1914/2010, p. 14).

No entanto, rumando para novos entendimentos a respeito do narcisismo, Freud caracteriza este como uma etapa constitutiva e essencial do desenvolvimento humano regular. Sendo assim, “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser

⁵ Esses são os fatores dentro do desenvolvimento teórico que levam Freud às elaborações diretas em torno do Eu dentro da problemática do narcisismo. Junto a isso, há também a “preocupação de Freud em responder aos impasses de sua teoria, suscitados em boa parte pelo desafio lançado à sexualidade por Adler e Jung” (COSTA, 1991, p. 109).

⁶ Em uma nota acrescentada em 1920 aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud também atribui a origem do termo a Havelock Ellis. Apesar disso, a historiadora e psicanalista Roudinesco (1998) credita o psicólogo francês Alfred Binet como o primeiro a empregar o termo para descrever como uma forma de fetichismo.

vivo" (FREUD, 1914/2010, p. 15). O que ele faz é retirar o *status* de exclusividade de uma perversão do conceito de narcisismo, colocando-o como uma etapa inerente do desenvolvimento psicosexual (BOMFIM, 2008). Esse movimento só é compreendido se voltarmos para questões que levam o narcisismo a ser localizado dentro desse desenvolvimento regular, o que também vão direcionar a um resgate das funções do Eu.

Na problemática das psicoses é que esse retorno ao narcisismo se conjectura, ou melhor dizendo na tentativa de incluir o debate em torno que se sabia da *dementia praecox* abordada por Kraepelin ou na abordagem da esquizofrenia por Bleuler (FREUD, 1914/2010). Na psicose existiria um abandono de interesse pelo mundo externo e uma supervalorização de si mesmo, um sentimento de grandeza – megalomania. Nesses dois casos, a libido se concentraria toda no sujeito frente ao mundo externo. Essa suposição dificultaria os esforços do método psicanalítico em estabelecer mudanças junto ao sujeito, visto que a relação com o outro estaria comprometida, impossibilitando a dinâmica transferencial: “eles se furtam à influência da psicanálise, não podendo ser curados por nossos esforços” (FREUD, 1914/2010, p. 15).

Essa observação leva aos pensamentos freudianos pistas sobre processos semelhantes por parte também de neuróticos, uma vez que, diante de frustrações, esses retiraram, por um tempo, o interesse pelo mundo. O que estaria em evidência aqui seria um jogo econômico da libido e seus possíveis caminhos. No caso dos neuróticos, não há suspensão da relação erótica com os objetos do mundo externo, o que ocorre é um investimento nos objetos no campo da fantasia do sujeito, havendo então uma renúncia frente a ações que direcionam a pulsão a alcançar sua meta junto a esses objetos reais. Ao passo que, na psicose, a libido se reteria no Eu do sujeito, mantendo esse a um estado libidinal característico do desenvolvimento inicial denominado narcisismo.

Aqui temos o retorno ao Eu, pois esse narcisismo originário e inerente ao desenvolvimento humano, o que Freud (1914/2010) vai denominar como narcisismo primário, é um investimento libidinal original do Eu, que, durante a continuidade progressiva do desenvolvimento psicosexual e das relações interpessoais, parte dessa libido é cedida aos objetos: “Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo depois é cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam” (FREUD, 1914/2010, p. 17). Isto leva a pensar, por conseguinte, em um narcisismo secundário do mesmo tipo presente na esquizofrenia, como destaca o autor; “se originou provavelmente à

custa da libido objetal” (FREUD, 1914/2010, p. 16). Assim, o estado de narcisismo secundário, seria o mesmo descrito como acontece aos neuróticos diante da frustração; após ser retirado o investimento dos objetos externos, a libido faria o caminho regresso ao Eu, retornando assim ao estado de narcisismo primário.

Diante a essa transformação do narcisismo primário para o narcisismo secundário, o Eu se torna a unidade reunidora das pulsões autoeróticas – antes independentes – e reguladora dos investimentos. Torna-se responsável pelo equilíbrio entre a libido que é investida em si próprio e a libido que é investida tanto nos objetos exteriores quanto nos objetos fantasmáticos, tal como uma balança, onde quando um é mais investido o outro sofre um esvaziamento (GARCIA-ROZA, 2009).

Nesse momento em que o Eu se torna esse lugar de investimento, a presença do outro, em especial os genitores, se torna crucial para o desenvolvimento do sujeito. Freud (1914/2010) destaca esse como sendo o momento em que o amor narcísico dos pais é transferido para a criança. Essa idealização dos pais sobre a criança é o elo entre o Eu e suas instâncias ideais: Ideal do Eu e Eu Ideal, que juntas levarão exigências ainda mais intensas ao Eu, tornando-se condições facilitadoras e impulsionadoras do recalque (FREUD, 1914/2010).

O Eu se destaca, a partir disso, como o componente essencial para a dinâmica de investimentos libidinais. As relações entre o sujeito consigo mesmo e com o mundo externo é administrada por ele, que enquanto essa estrutura reguladora das relações internas e externas é também o elo antes perdido que faltava para explicar a passagem do autoerotismo para o estado de unidade, característica essencial para o surgimento do sujeito. Isso se deve as implicações teóricas propostas pela teoria do narcisismo, e, frente a isso:

o aparelho psíquico ganha uma instância especializada em manter os estados de coisas como são e estão, evitando mudanças que, em princípio, podem acarretar desprazer. É esta tendência ou finalidade que se afirma no psiquismo com o Ego narcísico e que destitui o Ego do papel de agente autônomo do recalque. Procurando antes de mais nada perseverar no mesmo, o Ego narcísico torna-se resistente a alterações na estrutura psíquica. Sua composição imaginária e sua característica de unicidade determinam este modo de funcionamento. O Ego que, na relação especular e imagética, apresenta-se como um todo, também aspira a representar um sujeito total ou a totalidade do sujeito. O Ego narcísico é conservador e fonte de resistência, não só porque seus chamados mecanismos de defesa seguem o curso do processo primário, mas porque, com ele, instaura-se no psiquismo a célebre “compulsão à síntese”, que é a marca patente do imaginário (COSTA, 1991, p. 114).

Ainda junto a essas mudanças substanciais propostas pela teoria do narcisismo, características essenciais do Eu, como a autoconservação, o senhor das defesas, continuam em voga, afinal, esse momento ainda está sob a tutela da primeira tópica. No entanto, a

autoconservação passa a ser com a imagem egóica, ou seja, a imagem diante da experiência de totalização, o que dá a o Eu o caráter de organização da subjetividade (COSTA, 1991). Esse caráter organizativo do Eu, juntamente com as exigências das instâncias ideais e considerando dois caminhos essenciais da libido; o próprio sujeito e os objetos, faz com que Freud estabeleça um complemento a ideia de conflito psíquico, opondo uma relação inversa entre libido objetual e libido do Eu, o que culmina na dualidade pulsional detalhada em *Instintos e seus destinos* em 1915a.

Ainda com o avanço teórico até 1915a, que culminou com as novas ideias nos textos metapsicológicos, Freud não apenas revisita a sua noção de inconsciente, com o texto de 1915b, *O inconsciente*, como avança ainda mais ao continuar se preocupando com os processos normais da vida psíquica e relacionando com aqueles que se tornam psicopatológicos no ulterior do desenvolvimento mental. Esse é o caso do artigo de 1917, *Luto e Melancolia*. Mas o que nos interessa aqui é o valor estabelecido ao Eu, que, com as progressões metapsicológicas, segue avançando teoricamente e ganhando ainda mais centralidade junto aos processos subjetivos dentro da psicanálise.

Luto e Melancolia (1917 [1915] /2010) segue as relações feitas em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) sobre o conceito de identificação. No texto de 1914, Freud destaca a identificação como nodal para a estruturação do Eu, responsável, inclusive, pelo surgimento das instâncias ideais. Laplanche e Pontalis (2016) apontam a identificação como o “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (p. 226).

Sendo assim, a identificação não é um processo que se encerra durante uma fase específica do desenvolvimento, mas é uma característica própria do Eu e, assim como esse último, constantemente participativa na personalidade. Por esse motivo, Freud (1917 [1915] /2010) traz o processo do luto como um afeto “normal” e reativo oriundo da identificação a um objeto perdido, para assim elucidar sobre a natureza da melancolia, como também uma ação identificatória, teorizando, porém, que haja uma predisposição para a instauração do estado melancólico. O autor propõe analisar a identificação em uma etapa anterior a da escolha do objeto, quando o Eu se encontra via de estruturação por meio dos investimentos amorosos dos pais.

Partindo, portanto, do estado normal da perda de um objeto, o luto é descrito como evidentemente consciente. Ao perder o objeto de identificação amorosa, a libido se retrai do

mundo externo, fazendo o caminho de volta ao Eu, tal como no estado de narcisismo secundário. O que acontece é que o sujeito compreende, de forma consciente, que o objeto foi perdido, o que não impede que o haja um sofrimento, uma inibição por parte do Eu para com o exterior. Após o trabalho de luto, essa libido retirada “à força” e investida narcisicamente fica novamente livre para novos investimentos:

Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é evocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido. Não é fácil fundamentar economicamente por que é tão dolorosa essa operação de compromisso em que o mandamento da realidade pouco a pouco se efetiva. É curioso que esse doloroso desprazer nos pareça natural. Mas o fato é que, após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente livre e desimpedido (FREUD, 1917/2010, p. 174).

Por outro lado, na melancolia, a perda do objeto é de natureza ideal: “O objeto não morreu verdadeiramente, foi perdido como objeto amoroso” (FREUD, 1917/2010, p. 174). O melancólico não compreende conscientemente o que perdeu. Se caracterizando fenomenologicamente como um sofrimento profundo, um desinteresse pelo mundo externo, perda da capacidade de investir em um novo objeto, rebaixamento excessivo da autoestima seguido de constantes autorrecriminação, na melancolia, do ponto de vista psicopatológico, ocorre um enorme empobrecimento do Eu (FREUD, 2017/2010).

Nesse estado de passividade profunda diante da perda, o Eu se identificou narcisicamente com o objeto a tal ponto que, no momento em que esse é perdido, a libido retorna, no mesmo movimento do narcisismo secundário, porém esse investimento não é de fato no sujeito, mas no objeto, que, de tão identificado, substitui uma parte do Eu. Dessa forma, as queixas do sofrimento ao objeto abandonado são direcionadas estritamente ao sujeito que ocupa agora esse lugar:

Não há dificuldade, então, em reconstruir esse processo. Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido a certa pessoa; por influência de uma real ofensa ou decepção vinda da pessoa amada, ocorreu um abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal — a libido ser retirada desse objeto e deslocada para um novo —, e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação (FREUD, 1917/2010, p. 180-181).

Por meio dessa identificação narcísica, as autorrecriações que o sujeito faz a si mesmo na melancolia estão excessivamente ligadas ao ódio pelo objeto, mas dirigidas ao Eu. A perda objetal se converte em perda de uma parte do próprio Eu, para que o objeto amoroso permaneça vivo e sendo idealizado. Em vista disso, uma parte do Eu se contrapõe e subjuga a outra. O conflito passa a ser não mais entre Eu e objeto, mas entre Eu e sua parte idealizada:

Com a produção de uma identificação do ego com o objeto abandonado após uma ofensa real ou decepção por parte deste último, ou seja, o objeto amado, o ego pode ser julgado por uma determinada instância como um objeto. Neste ponto, encontramos o já conhecido ideal do ego, que, segundo Freud, contrapõe-se à outra parte ego, avaliando-a criticamente, uma vez que a toma como objeto (BOMFIM, 2008, p. 62).

Luto e Melancolia (1917 [1915] /2010) não apenas segue avançando colocações sobre o estado narcísico e o desenvolvimento subjetivo, principalmente sobre a identificação e sua relação com as idealizações, como abre caminho para as ideias que viriam a ser elaboradas após a virada de 1920, que resultariam não só na figura do Super-eu como essa instância moral resultante das idealizações, mas no surgimento da segunda tópica em 1923 e na máxima ênfase aos mecanismos do Eu.

Os textos metapsicológicos marcam uma divisão na obra freudiana, que se destaca principalmente pela abertura de caminhos que pareciam antes bem estabelecidos, como é o caso da noção de conflito psíquico, que ganha novas contribuições em *Os Instintos e seus destinos* (1915a/2010). A continuidade em explicar e amarrar os nós sobre o percurso do desenvolvimento psicosexual, leva *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) a ampliar as funções do Eu, o que faz Freud revisitar para uma explicação mais bem detalhada sobre o inconsciente. Seguindo o percurso e abrindo especulações sobre o funcionamento psíquico, *Luto e melancolia* (1917 [1915] /2010) abre questões sobre o que de fato seria inconsciente na organização subjetiva. Vários dos conceitos apresentados entre 1914 e 1917 trazem em seu bojo a marca de serem propulsores do avanço que faria a psicanálise após 1920. Sobretudo, o Eu se torna grandioso demais para o princípio do prazer, precisando ir além.

3.4 O Eu além do princípio do prazer e a elaboração da segunda tópica

Após 1920, a psicanálise caminha por novos rumos, sem abandonar, é claro, toda sua construção até o momento, ou seja, as evoluções dentro do domínio da primeira tópica. O que

se encontra a partir da chamada “virada dos anos 1920”⁷ é uma continuidade direta das investigações propostas nos textos metapsicológicos. Sendo assim, o que surge a partir desse momento “é muito mais um deslocamento temático do que uma reestruturação teórica” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 205), é um caminho maduro, tanto na compreensão do desenvolvimento da teoria psicanalítica como para o momento histórico vivido por Freud⁸, o que resulta nos avanços sobre a construção subjetiva e do sofrimento psíquico.

Entre os já mencionados textos metapsicológicos, dois deles ganham importante destaque para a continuidade das investigações teórico-práticas: *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), ao propor os caminhos que a libido percorre, principalmente aqueles em torno do processo de identificação narcísica, tão importantes para o desenvolvimento das instâncias ideais; e *Luto e Melancolia* (1917 [1915] /2010), não apenas por continuar com o debate a respeito da identificação, mas ao propor uma instância moral e inconsciente dentro do próprio Eu. Por conta dessas importantes questões no que se referem aos processos subjetivos, cabe repensar as diferenças entre o inconsciente e o Eu, onde um começaria o outro terminaria, pois, desde 1900, o Eu foi concebido como essa instância psíquica responsável por mediar as exigências dos processos primários regidos pelo princípio do prazer e torná-los mais aceitos perante o princípio da realidade.

Essas implicações encontraram uma solução, ou melhor dizendo, uma reformulação com a elaboração da segunda tópica, sendo descritivamente apresentada em *O Eu e o Id* (1923/2011), ao propor que só uma pequena parte do Eu é abrangida pelo pré-consciente, contrapondo a ideia de um Eu não-recalcado, o que leva a pensar em um Eu, não apenas no sentido descritivo, mas também dinâmico, ligado à consciência, mas com uma parte inconsciente (GARCIA-ROZA, 2009). Os fatores que correspondem até a emergência da segunda tópica em 1923, começam a ser pensados com mais força em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), quando Freud se debruça sobre uma força que agiria no aparelho psíquico se satisfazendo do desprazer, indo contra ao já estabelecido processo regulador da mente, o princípio do prazer.

Até esse momento, se recapitularmos o que vimos até aqui de forma breve, o Eu, muitas vezes confundido com a instância pré-consciente-consciente (BOMFIM, 2008), é colocado

⁷ Os avanços teóricos propostos por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920/2010) com a descoberta da pulsão de morte, marca uma virada estrutural na psicanálise que sucede numa nova teoria tópica do aparelho psíquico (ROUDINESCO, 2016).

⁸ Roudinesco (2016), aponta que esse momento histórico na vida de Freud é marcado pela incidência da guerra e da perda do filho, influenciado diretamente no direcionamento sobre a compulsão à repetição, devido às neuroses de guerra, e a incidência da pulsão de morte.

como a sede dos mecanismos de defesa por influência dos impulsos de autoconservação, porém nesse lugar como um agente a serviço do princípio da realidade. Com os avanços metapsicológicos e a descoberta por Freud dessa parte inconsciente do Eu, a hipótese do conflito psíquico entre inconsciente e consciente torna-se, em grande parte, incompleta. Por esse motivo, Freud (1920/2010) apresenta, desde o início de *Além do princípio do prazer*, as incongruências em se considerar o princípio do prazer como dominante nos processos psíquicos:

devemos assinalar que, a rigor, não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos. Se assim fosse, a grande maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, quando a experiência geral contradiz energeticamente essa ilação (FREUD, 1920/2010, p. 161-162).

Podemos dizer que esse é o ponto característico para a virada da teoria psicanalítica. Visto que o princípio do prazer não comanda totalmente os processos psíquicos, cabe pensar que ele divida espaço com um outro encadeamento mental que estaria para além do princípio do prazer. Estamos diante, então, da noção de pulsão de morte, que será o tema principal desta obra de 1920, com consequências contundentes no trabalho psicanalítico como um todo, inclusive revisando e reformulando conceitos anteriores, como será o caso da teoria do masoquismo.

A descoberta desse princípio para além do prazer pode ser antes de tudo encontrada nos primórdios da teoria psicanalítica, mais precisamente no *Projeto para uma psicologia científica*. Como vimos, Freud destaca, em 1895, o princípio da constância como o principal regulador do aparelho mental, onde através de suas facilitações tendia a reduzir a tensão, o desprazer, ao mais baixo nível possível (FREUD, 1950 [1895] /1997). Com uma leitura atenta das duas obras, se torna evidente um resgate de ideias do Projeto, porém não como uma ressurreição do princípio da constância. O que Freud vai afirmar, em 1920, é que algo no aparelho psíquico impulsiona rumo a um estado pleno, sem tensão alguma, ou seja:

seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica (FREUD, 1920/2010, p. 202).

Antes mesmo de ser revelada, a pulsão de morte, inicialmente na investigação freudiana, se apresenta como compulsão à repetição, sendo essa última uma ação a serviço da primeira. Foi através da análise dos sonhos dos neuróticos traumáticos e das brincadeiras infantis, que

revelavam uma ação enigmática em sua forma repetitiva de agir, que levará a essa conclusão. Os sonhos dos neuróticos traumáticos formavam uma contraposição a ideia do sonho como uma realização de desejo, as características repetitivas dessa ação traziam indícios de que ela estaria a serviço de uma outra tendência. Da mesma forma, a repetição das brincadeiras infantis revelava que algo na psique esforçava-se para elaborar um determinado acontecimento a fim de dominá-lo para que outrora pudesse obter prazer com ele, ou seja, uma vivência dolorosa sofrida de forma passiva, em outro momento seria repetida de forma ativa com o intuito de obter controle sobre ela. Essas duas formas operam “tendências além do princípio do prazer, isto é, que seriam mais primitivas que ele e independentes dele” (FREUD, 1920/2010, p. 176).

Dessa maneira, a repetição é sobretudo uma forma de descarga, aliada a compulsão, busca restabelecer condições mentais primitivas, sendo assim, a compulsão a repetição “pode ser vista como um esforço para recuperar um estado que é historicamente primitivo e que também é marcado pela total exaustão de energia, isto é, a morte” (WOLLHEIM, 1971, p. 202). Essa é, portanto, uma manifestação da pulsão de morte, que abre caminho para a exploração desse conceito dentro da psicanálise como para pensar de qual forma essa nova noção altera outras hipóteses psicanalíticas e movimentam outros conceitos já estabelecidos

Primeiramente, há de pensar que com advento da pulsão de morte advinda de um domínio além do princípio do prazer, a postulação do conflito psíquico venha a sofrer alterações, uma vez que havia sido estabelecido a oposição principal entre pulsões do Eu, ou seja, de autoconservação, e pulsões sexuais. Portanto:

Aqui se nos oferece a oportunidade de rever a lenta evolução de nossa teoria da libido. A análise das neuroses de transferência nos impôs, num primeiro momento, a oposição entre “instintos sexuais”, voltados para o objeto, e outros instintos, de que tínhamos conhecimento insatisfatório e que designamos provisoriamente como “instintos do Eu”. Entre eles tivemos de reconhecer, em primeira linha, os instintos que servem à autoconservação do indivíduo. Não tínhamos como saber que outras distinções havia a fazer (FREUD, 1920/2010, p. 221).

Ao reafirmar a importância dos avanços postulados nos textos metapsicológicos sobre a libido e sobre o caráter regulador libidinal do Eu enquanto também um objeto de investimento, Freud, a partir da hipótese da pulsão de morte, pôde repensar a noção do conflito psíquico, realocando tanto o Eu quanto seus impulsos de autoconservação:

Em lento e ponderado avanço, a psicanálise observou então com que regularidade a libido é tirada do objeto e voltada para o Eu (introversão), e, ao estudar o desenvolvimento da libido da criança em suas fases iniciais, chegou à percepção de que o Eu é o genuíno e original reservatório da libido, a qual somente a partir dele é estendida ao objeto. O Eu tomou lugar entre os objetos sexuais e logo foi visto como

o mais eminente deles. A libido que permanecia de tal modo no Eu foi chamada de “narcísica”. Essa libido narcísica também era, naturalmente, manifestação de força de instintos sexuais no sentido analítico, que tivemos de identificar com os “instintos de autoconservação”, admitidos desde o princípio. Assim tornava-se insatisfatória a oposição original entre instintos do Eu e instintos sexuais. Uma parte dos instintos do Eu foi vista como libidinal; no Eu atuavam — provavelmente junto a outros — também instintos sexuais, mas é lícito dizer que a velha fórmula, segundo a qual a psicose baseia-se num conflito entre os instintos do Eu e os instintos sexuais, nada contém que hoje se deva rejeitar. Apenas sucede que a diferença entre as duas espécies de instintos, originalmente pensada como de algum modo qualitativa, deve agora ser caracterizada de outra forma, isto é, como sendo topológica. E em particular a neurose de transferência, o verdadeiro objeto de estudo da psicanálise, continua a ser resultado de um conflito entre o Eu e o investimento libidinal de objeto (FREUD, 1920/2010, p. 222-223).

Podemos ver que Freud não se desfaz do que já havia sido postulado até então sobre o domínio da primeira tópica, a pulsão de morte amplia sua teoria em termos qualitativos. A oposição, o conflito, não está mais entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, pois transformou-se em oposição de natureza libidinal – entre investimentos no Eu e no objeto. Sendo assim, a oposição se converte, agora, entre pulsão de morte e pulsão de vida, entre Eros e Tanatos (FREUD, 1920/2010).

É com a introdução dessa nova oposição que surge o dilema de repensar a primeira tópica, pois se a noção de conflito foi realocada, qual o limite do inconsciente? Se o Eu é, portanto, um objeto de investimento, qual a sua origem dentro do aparelho psíquico? E, principalmente, onde se conservam essas pulsões? Todas essas dúvidas levam a mudanças na teorização do aparelho psíquico, seu funcionamento e a descoberta de novas instâncias.

Algumas dessas questões começam a ganhar contorno de respostas um ano após a publicação de *Além do princípio do prazer*. Em 1921, ao tentar alcançar uma compreensão sobre o funcionamento das massas, Freud aborda o processo de identificação do Eu, algo estritamente concernente com a evolução da teoria da libido. Relacionado com o apresentado em *Introdução ao narcisismo e Luto e melancolia, Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011) aumenta o protagonismo do Eu nessa nova fase psicanalítica ao destacar o processo de identificação como “a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto” (FREUD, 1921/2011, p. 65), pois ela é capaz de moldar o Eu através da introjeção de um modelo identificatório. Ou seja, esse modelo surge como escolha amorosa e essa regride para a identificação, o que molda o Eu por conta desse mecanismo, assumindo característica do modelo objetal através da introjeção total ou parcial desse objeto (FREUD, 1920/2011).

Como pode-se constatar nessa obra, nada de novo em relação a identificação é de fato surpreendente, já que se trata de uma continuação do que já havia sido descrito – porém não de forma tão detalhada – em boa parte dos textos metapsicológicos. O que de fato nos chama

atenção aqui nesse primeiro momento é o retorno de temas como as instâncias ideais e uma parte hostil do Eu, agora com ainda mais ênfase sobre a importância delas na constituição psíquica, pois “desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo” (FREUD, 1921/2011, p. 60).

Se por um lado Freud (1921/2011) toma o narcisismo aqui para explicar as ligações emocionais do indivíduo, retoma a introjeção do objeto diante do luto para novamente expor que no Eu reside um uma contraparte conflituosa, que se separa desse e cria ideais e o subjuga moralmente, que essa surge da introjeção por identificação com os pais e com os objetos perdidos. O que temos aqui é Freud afirmando que existe uma outra instância psíquica que, apesar de se originar do Eu, existe independente desse:

em ocasiões anteriores (“Narcisismo”, “Luto e melancolia”) fomos levados à suposição de que em nosso Eu se desenvolve uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele. Nós a chamamos de “ideal do Eu” e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão. Dissemos que é a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu. Constatamos, além disso, que no delírio de observação se torna patente a decomposição dessa instância, desvelando sua origem nas influências das autoridades, sobretudo dos pais (FREUD, 1921/2011, p. 67).

Laplanche e Pontalis (2016) apontam que, por mais que diversos motivos tenham levado Freud a reformular sua concepção do aparelho psíquico, as identificações e o papel desempenhado por elas na constituição subjetiva, as suas formações ideais, a criação de uma instância crítica e a forma como o Eu se molda diante desse processo, depositam uma grande parcela de influência nesse momento. Acompanhando essa visão, *O Eu e o Id* (1923/2011) vem para cravar que a tópica freudiana até então em vigência precisaria de alterações, evolução no seu desenvolvimento e a inscrição de novas instâncias que já se apresentavam aos avanços clínicos e teóricos.

As considerações expostas em *O Eu e o Id* (1923/2011) formam uma ampliação do pensamento proposto em 1920, em *Além do princípio do prazer*, inclusive dedicando um ponto especial para abordar as duas espécies de pulsões – pulsão de vida e pulsão de morte. No entanto, para fazer o percurso ao qual essa obra cabal carrega como sua principal relevância, é sobre os limites do inconsciente que Freud vai se dedicar em um primeiro momento, uma vez que após um tangenciar sobre a problemática da composição do inconsciente e os limites da

consciência é que a reformulação da noção de Eu, e conseguinte da segunda tópica, pode ser analisada.

Se em 1915b Freud reafirma que o inconsciente surge a partir da teoria da repressão, e que esse é de dois tipos: um reprimido, que está sob uma perspectiva dinâmica; e outro capaz de consciência – latente –, que é só então em um sentido descritivo, ele nos descreve em detalhes a primeira tópica, antes apresentada em 1900, em *A interpretação dos sonhos*, mas também a topologia da consciência e do inconsciente; sendo assim temos; o inconsciente dinâmico (ics), esse inconsciente reprimido; o pré-consciente (pcs), o inconsciente puramente descritivo e capaz de ser acessado e mais próximo da consciência (cs), juntamente com o sistema perceptivo (pcp) anteriormente visto com mais ênfase em *Além do princípio do prazer* ao demonstrar a importância da percepção para o desenvolvimento do aparelho psíquico (FREUD, 1915b/2010).

No entanto, para Freud, essa diferenciação apresentava limitações práticas, uma vez que “no curso do trabalho psicanalítico verifica-se que também essa diferenciação não bastava, são insuficientes na prática” (FREUD, 1923/2011, p. 20). É sobretudo na organização do próprio Eu que se presenciam essas limitações insuficientes, pois no Eu encontra-se:

algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente como o reprimido, isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente. Para a prática psicanalítica, a consequência dessa descoberta é que deparamos com inúmeras obscuridades e dificuldades, se mantemos a nossa habitual forma de expressão e, por exemplo, fazemos derivar a neurose de um conflito entre o consciente e o inconsciente (FREUD, 1923/2011, p. 21).

Desse modo, se as resistências psíquicas são inconscientes e elas partem do Eu, esse por sua vez, e é isso que Freud conclui, possui uma parte inconsciente. Tal conclusão gera consequências para a compreensão do aparelho mental; o ics continua a abranger todo o reprimido, porém percebe-se agora que nem todo ics é reprimido. Essa parte ics do Eu, “e sabe Deus o quão importante é ela” (FREUD, 1923/2011, p. 22), revela que também não é pcs, pois, se assim fosse, seria acessada sem grandes problemas. Por consequência, a característica até então angular para a psicanálise perde sua categoria de protagonista, a inconsciência dos processos psíquicos torna-se ambígua, certa de que já não se pode mais retirar dela conclusões abrangentes sobre a teoria das neuroses, porém, sem negligenciá-la, “pois a qualidade de ser consciente ou não é, afinal, a única luz na escuridão da psicologia das profundezas” (FREUD, 1923/2011, p. 22).

É por ação da percepção consciente, enquanto instância do aparelho psíquico, da mesma apresentada na primeira tópica, que se atribui a origem do Eu. A influência do mundo externo,

mediante a percepção, transformou a parte mais primitiva da mente, aquela que é sede das paixões, que nos é apresentada aqui como Id. Sendo assim, o Eu é concebido entre relações de percepções externas e internas, onde seu núcleo é abrangido pelo sistema pcs-cs; o Id é então essa outra parte que abarca o ics (FREUD, 1923/2011).

Para Freud o ser humano é antes de tudo um Id, inconsciente em sua totalidade, sendo alterado apenas por influência da percepção, assim fazendo surgir o Eu. Ao Id confere então o lugar das paixões, prevalecendo em sua essência o princípio do prazer:

É fácil ver que o Eu é a parte do Id modificada pela influência direta do mundo externo, sob mediação do Pcp-Cs, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície. Ele também se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o Id e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no Id (FREUD, 1923/2011, p. 31).

Percebe-se que é dada ao Eu a função de agir sobre as demandas de prazer do Id, da mesma forma é possível notar que não fica claro uma separação entre as duas instâncias. Isso nos permite notar que a noção de conflito psíquico é agora não mais entre inconsciente e consciente, mas entre Id e Eu. Além disso, Freud assinala que dentre essa herança do Eu, por ter se originado do Id por influência do sistema pcp, cabe a noção de um corpo psíquico. Isso quer dizer que as sensações advindas da percepção interna formam uma noção de um Eu “sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923/2011, p. 32).

Essa afirmação de um Eu corporal leva a pensar que não são só fatores das profundezas, mas também aqueles mais próximos do Eu, do sistema perceptivo, que também podem ser inconscientes. Wollheim (1971) atribui essa divisão como a conscientização necessária para também a conscientização do Eu; atribuindo a essa constatação o já mencionado processo de identificação, há de se examinar agora a outra modificação dentro do Eu – o Super-eu.

Como já dito anteriormente, o Eu vai se tornando coeso a partir das identificações com o objeto, isso insere as relações como importantes em sua origem. Em *introdução ao narcisismo* e em *Luto e Melancolia*, já é apresentado que algo se altera dentro do indivíduo junto a essas identificações. Em 1923, Freud atribui que essa alteração dá origem ao Super-eu, que por vezes, em *O Eu e o Id*, se confunde com a ideia de Ideal de Eu, não deixando nítido em alguns momentos, o que é um e o que seria o outro: “Os motivos que nos levaram a supor que pode ser no Eu, uma diferenciação em seu interior que pode ser chamada de “*Ideal de Eu*” ou *Super-eu*, foram explicitados em outros trabalhos” (FREUD, 1923/2011, p. 34). Ainda sobre isso, Laplanche e Pontalis (2016) apontam que em 1923, quando Freud introduz o termo pela

primeira vez “ele engloba as funções de interdição e de ideal, [...] surgirá principalmente como uma instância que encarna uma lei e proíbe a transgressão” (p. 498).

Seguindo essa visão, o Super-eu se ergue na dissolução do complexo de Édipo, já que ele é herdeiro das primeiras identificação, ou seja, das figuras paternas:

Podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu (FREUD, 1923/2011, p. 42).

O Super-eu é, portanto, essa instância crítica que desde *Luto e Melancolia* já vinha se manifestando; ele é, pois, um representante das reações mais julgadoras das escolhas de amor do Eu, se manifestando até como uma autoridade, um representante da lei moral dentro do psiquismo por conta da sua herança com o complexo de Édipo, concomitante a proibição do incesto. Podemos definir agora o pressuposto que marca a reformulação da primeira tópica para a segunda: Os sistemas propostos anteriormente continuam com suas determinadas funções – ics, pcs e cs, fazendo parte da consciência o sistema pcp; agora as instâncias são colocadas como o Id, Eu e Super-eu.

Assim, podemos traçar o paralelo que une os conceitos para a elaboração da segunda tópica Freudiana. O Eu é constituído das identificações originárias do Id que foram abandonadas; ele é portanto a parte que se “separou” do Id por atributo da percepção interna e externa; o Id é então o que há de mais primitivo no indivíduo, a sede de todas as pulsões; sendo o Id o lugar das paixões, continua a buscar satisfações, já que este está sob o domínio do princípio do prazer; o Eu, por manter essa proximidade com o mundo externo, se torna o guardião do aparelho psíquico, visando a integridade do indivíduo para que esse não se destrua atendendo as demandas do Id, mantendo a função do Eu de senhor das defesas, fazendo conciliar as exigências do Id com o princípio da realidade; mas as exigências originais do Id, suas primeiras identificações, fazem com que o Eu precise, no decorrer da sua evolução, abandonar objetos, mas sem abandonar certos investimentos, o que faz com esse crie uma outra instância que herdará esses investimentos primitivos, emerge assim o Super-eu; o Super-eu surge para manter a integridade do Eu, mas por ser herdeiro do complexo de Édipo e das interdições morais, além de ser uma formação reativa das exigências do Id, se encontra mais próximo deste último do que da consciência, agindo também como uma instância altamente repressora (FREUD, 1923/2011).

Toda essa transformação da tópica freudiana só se tornou possível após as elaborações em *Além do princípio do prazer*, com o advento da pulsão de morte. Possibilitou, assim, os avanços em torno do Eu sua origem topológica como uma instância psíquica. As alterações e transformações que a virada de 1920 atingem na teoria e prática psicanalítica continuaram levantando questões e novos direcionamentos:

A partir da década de 1920, a metapsicologia freudiana já apresentava elementos importantes que fizeram com que esse autor empreendesse a revisão de algumas de suas ideias mais originais. Assim, podem ser citadas a teoria do trauma e a teoria pulsional de 1920, a tópica de 1923, os desenvolvimentos acerca do complexo de Édipo e castração na etiologia das neuroses. Todas essas idéias fizeram com que Freud também revisse, em 1927, sua teoria da angústia, tema ao qual sempre devotou considerável interesse, desde seus primeiros textos (BOMFIM, 2008, p. 84).

Dessa forma, após 1923, o Eu continuará sendo reafirmado enquanto a instância reguladora de processos psíquicos e responsável pela manutenção da vida; isso fica representado três anos depois em *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014), onde abordará o Eu como uma estrutura organizada, com suas funções mais bem estabelecidas. Nessa obra, o Eu por sua intimidade com o sistema perceptivo e o princípio da realidade, funcionará como um alerta da angústia e responsável por transformações libidinais por conta da sua relação com Id. Ou seja, ocupando seu lugar sem mais ambiguidades, como havia aludido Bomfim (2008) anteriormente.

Com a estrutura do Eu, de certa forma, já bem estabelecida juntamente com suas funções principais, podemos ver o direcionamento de Freud para outros conceitos ainda em avanço, como pode-se notar em alguns textos culturais, após 1923, que abordam a relação do sujeito com a cultura e a sociedade, o que vai abranger aspectos psíquicos como a estrutura do Super-eu e agressividade constitutiva do ser humano, como é o caso de *O futuro de uma ilusão* (1927/2014) e *O mal-estar na civilização* (1930/2010). Por fim, em *Compêndio da psicanálise* (1940a [1938] /2018) abordará novamente as conclusões que chegou após 1923 sobre o aparelho psíquico e a relação do Eu com o mundo exterior, afirmando a relação do Eu sobre as exigências internas, porém, nada que vá alterar o estabelecido na segunda tópica.

No entanto, é intrigante que Freud nunca tenha deixado de levantar questões em torno do Eu e de suas funções. No fim de suas obras, o autor lança mão do fator de cisão do Eu como um processo defensivo diante da angústia ao mesmo tempo em que satisfaz as exigências pulsionais. Essa nova abordagem contesta diretamente a função de síntese do psiquismo, a qual é de responsabilidade da instância egóica, sem, contudo, desacreditá-la:

O êxito foi alcançado à custa de uma fissura no Eu que não se curará jamais, e que aumentará com o tempo. As duas reações opostas ao conflito prosseguem existindo como núcleo de uma cisão do Eu. Todo o processo nos parece bem singular, pois tomamos por algo evidente a síntese dos processos do Eu. Mas tudo indica que nos enganamos nisso. A função sintética do Eu, de importância tão extraordinária, tem condições particulares e está sujeita a uma série de distúrbios (FREUD, 1940b [1938] /2018, p. 347).

Se o Eu além do princípio do prazer pode nos levar a uma compreensão maior dos processos subjetivos e que as questões em torno da sua construção, que resulta na segunda tópica, podem nos levar a uma compreensão maior do sujeito, das paixões, interditos, de novas configurações em torno da teoria da neurose e do conflito psíquico, onde mais pode nos levar a curiosidade sobre o desenvolvimento do Eu em Freud?

4 O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE MASOQUISMO NAS OBRAS FREUDIANAS

4.1 Masoquismo como perversão nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade

A primeira vez que o termo masoquismo é inserido dentro da psicanálise é na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016); visto agora não poderia ser de outra forma, uma vez que essa obra se propõe a abordar a sexualidade humana de uma maneira mais amplificada, o que leva um longo filamento sobre as perversões, lugar o qual o caberia nesse primeiro momento da teoria. Porém, não é a primeira vez que uma referência ao masoquismo seria exposta, já que em 1900 Freud remete a uma “tendência masoquista de contradesejo” ao relacionar os sonhos punitivos como uma característica da deformação onírica para com desejos inaceitáveis: “Comprendemos de imediato que podem ter sonhos de contradesejo e de desprazer, mas que nada mais são do que realizações de desejos para elas, a satisfação de suas tendências masoquistas” (FREUD, 1900/2019, p. 194).

Se a relevância dos *Três ensaios* está principalmente sobre a égide da ampliação da sexualidade humana e dos destinos diversos que essa pode ter, cabe olhar o masoquismo como parte dessa definição ampliada e dentro do que se propõe chamar de perversões. Freud, em 1905, define, como perversão, no primeiro dos 3 ensaios, os desvios relativos ao objeto ou à meta da pulsão sexual (FREUD, 1905/2016).

Como já mencionado⁹, a psicanálise concebe a sexualidade como psíquica, não sendo um instinto, então no cerne da exigência sexual humana está a busca por aliviar a tensão do acúmulo gerado pela insistência da satisfação da pulsão sexual, algo totalmente de acordo com o destacado no *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895] /1997) e também na lógica do conflito entre princípio do prazer e princípio da realidade. Para a obtenção da satisfação pulsional, que encontra sua fonte no corpo, necessitaria então um objeto, um alvo ao qual a pulsão se dirige, realizando, dessa maneira, sua meta, ou seja, a ação final da pulsão (FREUD, 1905/2016). Na obtenção da satisfação dita normal, que se fundamenta na ótica da biologia, sobre a qual Freud se detém para ampliar a visão sobre a sexualidade, o ato final seria o coito, a união genital por duas pessoas de sexos opostos, sendo a procriação da espécie a sua meta.

Dessa forma, as perversões estão ligadas totalmente a uma transformação contrária a uma referente norma na obtenção da função sexual (FREUD, 1905/2016). Algo que chama

⁹ Página 17 desta monografia

atenção nessa obra sobre a descrição das perversões é que esses novos caminhos, esses novos objetivos para se obter a meta da pulsão sexual, muitos deles, senão todos, já se encontram na própria manifestação da sexualidade dita normal, mais especificamente na vida sexual infantil, por essa ser autoerótica e fundamentalmente voltada para obtenção de prazer. Por essa razão, Freud (1905/2016) conceitua a sexualidade infantil como perversa e polimorfa.

Seguindo essa lógica, características da sexualidade perversa adulta já teriam sua representação na vida sexual infantil; sadismo, masoquismo, exibicionismo, voyeurismo, obtenção de prazer por outras áreas do corpo como ânus e boca, todas essas características se fazem presentes no caráter polimorfo da sexualidade infantil e de forma perversa por priorizar o prazer na supervalorização do corpo como meta. É por essa ótica que as perversões se caracterizam como uma base comum do desenvolvimento:

Ao demonstrar que os impulsos perversos são formadores de sintomas nas psiconeuroses, aumentamos extraordinariamente o número de pessoas que podem ser incluídas entre os perversos. Deve-se levar em conta não apenas que os neuróticos em si representam uma categoria humana numerosa, mas também que as neuroses, em todas as suas manifestações, formam séries contínuas que se atenuam até chegar à saúde; [...] Assim, a extraordinária difusão das perversões nos obriga a supor que também a predisposição às perversões não é uma peculiaridade rara, e sim parte da constituição julgada normal (FREUD, 1905/2016, p. 71).

No âmbito do que seria patológico dentro dessa organização estaria a força com que esses impulsos perversos conseguiriam romper com os diques psíquicos da repressão. Estamos aqui no cerne do conflito entre pulsão sexual e pulsões de autoconservação. As resistências aos impulsos perversos é que caracterizam a vida sexual neurótica, os sintomas neuróticos são, por assim dizer, produtos das forças psíquicas resistentes. Por esse motivo é que pode-se considerar “a neurose como sendo negativo da perversão” (FREUD, 1905/2016, p. 155), uma vez que, por efeito do recalque, por trás do sintoma neurótico está o desejo perverso.

É por esse prisma que o masoquismo é apresentado em 1905 na teoria psicanalítica, como uma perversão sexual, com critérios semelhantes ao que Krafft-Ebing atribui em *Psychopathia sexualis* (2001) por ser considerado um desvio sexual, porém sendo colocado aqui como uma parte do desenvolvimento psicosexual humano. Destacado junto ao seu par, sadismo, como a mais “significativa das perversões”, o masoquismo nos é apresentado da seguinte forma:

A mais frequente e mais significativa de todas as perversões, a inclinação a infligir dor ao objeto sexual e sua contrapartida, recebeu de Krafft-Ebing os nomes de sadismo e masoquismo, para suas formas ativa e passiva respectivamente. Outros autores preferem uma designação mais restrita, algolagnia, que enfatiza o prazer com a dor, a

crueldade, enquanto os nomes escolhidos por Krafft-Ebing ressaltam o prazer com toda espécie de humilhação e submissão (FREUD, 1905/2016, p. 51).

O masoquismo é considerado como a contrapartida do sadismo, sendo a forma passiva dentre esse impulso perverso, ambos representando assim um dos fatores principais da vida sexual, a configuração dupla da meta sexual, as formas ativas e passiva, aqui representadas pela figura do sadismo, como a agressividade, a necessidade de infligir dor, e do masoquismo como a posição passiva frente a agressão e ao objeto sexual, o prazer no sofrimento (FREUD, 1905/2016). Assim, determinadas perversões se apresentam em pares de opostos, destacando o caráter agressivo da libido, entendido aqui como uma função ativa da libido; o voyeurismo (prazer em olhar) se apresenta ao lado do exibicionismo (prazer em ser olhado), ambos representando também de um lado a função ativa e do outro a função passiva.

Fazendo parte do funcionamento perverso e comum ao desenvolvimento humano, tanto o sadismo como o masoquismo são, dessa forma, vistos como parte integral da vida pulsional. Não é de se estranhar, no entanto, que de fato o sadismo parece ganhar maior destaque nessa apresentação, uma vez que desde esse momento o masoquismo já se propõe a ser um problema econômico, o que será revisto apenas anos depois, assim destacam Buchaúl e Câmara (2016):

Em um primeiro momento da teorização freudiana, por exemplo, o sadismo será entendido não apenas como um processo que antecede o masoquismo, como dará o tom das pesquisas sobre esta questão. É apenas a partir de 1920 e, efetivamente em 1924, que o masoquismo, pelo contrário, será entendido como primário em relação ao sadismo (BUCHAÚL; CÂMARA, 2016, p. 7).

Assim, Freud (1905/2016) destaca o sadismo como um fator da pulsão sexual que, após se desenvolver independente, tomou uma posição ativa e violenta frente ao objeto sexual, a fim de vincular exclusivamente através da subjugação, humilhação e maltrato desse objeto. Por outro lado, o masoquismo estaria no local do objeto que aceita os maltratos da posição ativa da pulsão sádica. Dessa maneira, o pai da psicanálise reflete que somente o sadismo mereceria o nome de perversão, uma vez que “como perversão, o masoquismo parece mais distante da meta sexual normal do que sua contrapartida; é lícito duvidar que ele surja primariamente, talvez apareça regularmente, isto sim, mediante uma transformação do sadismo” (FREUD, 1905/2016, p. 52).

Em uma nota de rodapé acrescentada em 1924, ano da publicação de *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011), esse autor afirma que até aquele momento, nos *Três ensaios* (1905/2016), ainda não tinha se dado conta do caráter ativo do masoquismo. Por conta disso, o masoquismo era visto como uma transformação do sadismo voltado para a própria

pessoa, que toma para si o lugar de objeto. Nota-se, então, a problemática do masoquismo, que desde esse momento já se apresenta como um impasse à teoria do funcionamento psíquico regulador prazer-desprazer.

Por mais que esse autor justifique que, na gênese do desenvolvimento infantil, quando pelo processo de nutrição interligado ao da experiência de prazer, a criança descobre maneiras de repetir uma sensação prazerosa, transformando seu organismo em um corpo autoerótico, o sofrimento e a dor, sentido nesse corpo pelas zonas erógenas, são capazes de criar tensões que podem gerar prazer (FREUD, 1905/2016), isso ocorre pelo alívio da tensão, e não pelo sofrimento e dor em si mesmo, afinal de contas é assim que o opera o princípio do prazer-desprazer, um processo regulador que visa descarregar todo acúmulo excessivo de energia (FREUD, 1911a/2013).

Esse se torna um impasse na teoria psicanalítica, ganhando desdobramentos somente após as noções apresentadas em *Além do princípio do prazer*. Se a dor e o sofrimento sobre a própria pessoa provoca prazer, todo o primado do processo que regula o aparelho psíquico, juntamente com as pulsões de autoconservação, que visa preservar a integridade do indivíduo, é colocada em xeque. Sendo assim, sob a regência do princípio do prazer, no masoquismo se encontra um problema econômico.

Por consequência a isso é que podemos notar uma facilidade nas obras freudianas, até 1920, em abordar mais facilmente o sadismo, uma vez que esse demonstrar corresponder firmemente ao conjunto de operações do aparelho psíquico, desde o caráter dominante das pulsões, como pelo fato de cumprir com os requisitos necessário, até então, para o funcionamento normal da mente. Enquanto que, por outro lado, o masoquismo é colocado como a parte resultante, uma consequência da agressividade sádica:

Frequentemente é possível notar que o masoquismo não é senão um prosseguimento do sadismo, voltado contra a própria pessoa, que toma inicialmente o lugar do objeto sexual. A análise clínica de casos extremos de perversão masoquista releva a conjunção de uma série de fatores que exacerbam e fixam a atitude sexual passiva original (FREUD, 1905/2016, p. 52-53).

Mesmo sendo colocado como uma transformação do sadismo, algo que irá ser mais elaborado em 1915, no texto metapsicológico *Os instintos e seus destinos* (1915b/010), ainda nos *Três ensaios*, somos compelidos a ver um indício do protagonismo referente ao masoquismo. Em uma nota de rodapé, datada ainda na primeira publicação, Freud (1905/2016), no primeiro ensaio e antes mesmo de apresentar o masoquismo nessa obra, se refere a uma

posição masoquista, colocada como uma característica subjetiva ao tratar sobre a superestimação do objeto sexual. Ele escreve o seguinte:

Não posso deixar de recordar, neste ponto, a crédula submissão dos indivíduos hipnotizados ante o seu hipnotizador, que me faz suspeitar que a essência da hipnose deve se achar na inconsciente fixação da libido na pessoa do hipnotizador (mediante o componente masoquista do instinto sexual) (FREUD, 1905/2016, p. 42).

Freud compara a relação na hipnose a hipervalorização psíquica que o sujeito impõe sobre o objeto sexual, se colocando em um estado de enamoramento, sendo dominado pelas sensações que o outro compele, o que faz com que esse outro seja posto em um lugar de autoridade devido ao amor deslocado a ele (FREUD, 1905/2016). Nessa relação intersubjetiva, entre o sujeito que se coloca em uma posição masoquista e um objeto de amor privilegiado, podemos notar uma posição que convoca a outra pessoa para a relação. São indícios de uma ação ativa do masoquismo.

No paradigma das perversões, o masoquismo não apenas entra na teoria psicanalítica, muitas vezes como coadjuvante, mas também suscita reflexões sobre a intrínseca relação com seu oposto, seu problema na economia psíquica, além de participar do desenvolvimento sobre o destino das pulsões. O que vemos é a construção de um edifício que necessita de uma base firme, mas ainda distante de ser moldada, o que leva a mais investigações cada vez que a própria psicanálise encontra novos caminhos.

4.2 Os destinos do masoquismo

Os Instintos e seus destinos (1915a/2010) segue a fio os avanços sobre a metapsicologia do psiquismo junto aos demais textos que compõem essa etapa teórica, inclusive partindo do que *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) proporcionou sobre as funções atribuídas ao Eu, como também contribuindo para as discussões em *Luto e Melancolia* (1917 [1915] /2010). Mas é necessário destacar que essa obra segue também uma linha teórica sobre as pulsões que se estabeleceu nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), fazendo um retorno contundente para as vicissitudes pulsionais do sadismo e masoquismo.

Nos *Três ensaios*, Freud constata o masoquismo no paradigma das perversões. Sendo a neurose o negativo da perversão, a sexualidade humana é perversa em sua natureza. O masoquismo, ou melhor, a tendência masoquista da pulsão é, devido a essa constatação, um componente da sexualidade humana, assim como sua contraparte o sadismo; ambos só podem

ser considerados no campo das aberrações sexuais psicopatológicas quando o caráter de exclusividade fixa a um objeto ou meta específico (FREUD, 1905/2016).

Se nesse momento a pulsão sádica e masoquista são vistas como uma só, sendo o masoquismo proposto como uma ação secundária ao sadismo, na época dos textos metapsicológicos essa visão não se altera; o que temos é um terceiro momento, influenciado pela teoria do narcisismo, onde a pulsão sádica se volta ao próprio Eu (FREUD, 1915a/2010). Portanto, o que temos são novas evidências do problema à economia do masoquismo, mas que servem como auxílio à explicação original do caráter conflituoso das pulsões no desenvolvimento do Eu narcísico.

Sobre isso, Garcia-Roza (2009) dialoga que o intuito dos textos metapsicológicos é esclarecer as bases teóricas que fundamentam a psicanálise, para isso enfoca os processos psíquicos em três pontos de vista; tópico, econômico e dinâmico. *Os instintos e seus destinos* (1915a/2010) vai se debruçar especificamente sobre duas dessas categorias: o econômico, direcionado a distribuição dos investimentos, e do ponto de vista dinâmico, que se debruça sobre a relação de conflito das forças das pulsões.

Em 1914, Freud propõe que a libido possui dois caminhos; aos objetos e ao próprio sujeito, determinando o conflito entre pulsões do Eu e pulsões objetais. Conseqüentemente, esse pensamento leva às ideias expostas sobre a dualidade pulsional em 1915a. O retorno “a mais significativa das perversões” (FREUD, 1905/2016, p. 51) funciona como ponto de partida por designar a relação estreita da pulsão com o objeto e da relação interna e externa do psiquismo. Buchaúl (2015), coloca o masoquismo como substancial a partir dessa investigação metapsicológica por estar fundamentalmente situado no interior do movimento pulsional: “A partir daí, sua presença começa a se tornar indispensável para a metapsicologia freudiana: o masoquismo passa a representar uma condição pulsional inerente a todo sujeito” (BUCHAÚL, 2015, p. 43).

Freud (1915a/2010) define a pulsão como um conceito-limite entre a vida psíquica e o corpo biológico, é, por essa definição, a representação entre o somático e o psíquico, que atua de forma constante. Destaca-se assim a pulsão como uma necessidade que só pode ser suprida pela sua satisfação. Considerando os conflitos pulsionais desse período, são apresentados possíveis destinos da pulsão, sendo: reversão do contrário; o voltar-se contra a própria pessoa; a repressão e a sublimação. Freud já havia destacado a sublimação como um caminho possível diante da impossibilidade de satisfação sexual (FREUD, 1905/2016) e vai se dedicar, ainda em 1915, a um artigo metapsicológico sobre a repressão intitulado *A repressão* (1915c/2010); isso

faz com que ele se detenha sobre os dois primeiros destinos – reversão do contrário e o voltar-se contra a própria pessoa.

A reversão ao contrário se divide em dois processos distintos: a conversão de atividade em passividade e a inversão de conteúdo. Aqui é retomado as discussões em torno do sadismo, ainda como o representante principal da pulsão e o masoquismo como sua contraparte modificada. A conversão se caracteriza como uma mudança na meta da pulsão, representa a meta masoquista como uma mudança substancial da meta sádica. A inversão de conteúdo é descrita como uma mudança qualitativa do amor em ódio¹⁰ (FREUD, 1915a/2010).

O segundo destino, a volta contra a própria pessoa, considera o masoquismo como um sadismo que concebe o Eu como objeto (FREUD, 1915a/2010), uma clara continuação do que é apresentado em 1905. Essa mudança contra a própria pessoa faz um paralelo com a teoria do narcisismo, especificamente com o retorno da libido ao ter a sua satisfação frustrada (FREUD, 1914/2010). Vemos o interesse de Freud em encontrar paralelos para as novas características do Eu e suas relações objetais; o masoquismo se encontra como fundamental para essa continuidade teórica, mas a importância é dada aqui ao sadismo por representar a pulsão em sua característica mais importante, a atividade.

Outro paralelo importante que pode ser feito é com *Luto e Melancolia* (2017 [1915] /2010), quando a própria pessoa se torna investida, em um retorno libidinal, diante a perda do objeto. Podemos dizer que há a volta da pulsão, que concebe o Eu como objeto e também, uma mudança qualitativa de amor em ódio, ou seja, uma inversão de conteúdo. Como destacado em *Luto e Melancolia*, quando na melancolia: “o doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e desprezível; recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo” (FREUD, 1917/2010, p. 176), qualidades da posição masoquista já apresentada em 1905, ao relacionar a passividade a culpa como características do masoquismo: “A análise clínica de casos extremos de perversão masoquista releva a conjunção de uma série de fatores que exacerbam e fixam a atitude sexual passiva original (complexo da castração, sentimento de culpa)” (FREUD, 1905/2016, p. 53).

Ora, se o estado de luto é quando objeto de amor, de forma repentina, é perdido, a libido, de acordo com a teoria do narcisismo, se volta ao Eu, que se torna o objeto de investimento “à força”; por via da identificação passa a ser investido com características do objeto perdido, o Eu é agora a meta da pulsão, que se coloca passivamente, alterando sua atividade (FREUD, 1915a/2010). Essa é, portanto, uma definição clara da continuidade e importância do par

¹⁰ Amor, nesse sentido apresentado aqui, é referente ao amor libidinal apresentado por Freud em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) ao se referir sobre o grau de investimento libidinal que o sujeito exerce sobre o objeto em última instância para não adoecer.

sadismo-masquismo para exemplificar a característica fundamental da pulsão, que é a ambivalência.

Essas considerações são importantes para a definição exata do que é de fato o masquismo nessa primeira teoria pulsional. O par sadismo-masquismo é apresentado como um processo que se exhibe da seguinte forma:

- a) O sadismo consiste em prática de violência, exercício de poder tendo uma outra pessoa como objeto.
- b) Esse objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com a volta contra a própria pessoa também se realiza a transformação da meta instintual ativa em passiva.
- c) Novamente se busca uma outra pessoa como objeto, a qual, em virtude da transformação de meta ocorrida, tem de assumir o papel de sujeito (FREUD, 1915a/2010, p. 65).

Esse último caso, quando a pessoa se coloca em busca de um objeto que exerça a atividade sádica da pulsão, assumindo o papel de alvo passivo, é que Freud (1915a/2010) define comumente como masquismo. Birman (2009) argumenta que essa inversão da satisfação sádica em satisfação masquista reside no fato de uma atitude passiva, diferente da descrita no caso b, a qual Freud deduz fazer parte da pulsão sádica na neurose obsessiva, pois a pessoa não necessitaria de um outro como objeto para exercer a atividade da pulsão sobre si, em um movimento reflexivo a própria pessoa pratica autopunição.

Buchaúl (2015), justifica que essa atitude passiva:

se refere à finalidade da pulsão, que no terceiro caso faz o movimento de eleger um objeto para assumir o papel ativo (sujeito). É deste modo que o 'eu' é considerado passivo em função deste objeto eleito para ser o sujeito/ativo, e este objeto/sujeito é nomeado por Freud como um 'eu estranho', para quem o 'eu passivo' estará submetido (BUCHAÚL, 2015, p. 50).

Essa autora ainda nos propõe pensar que o sujeito nessa posição masquista é quem parece dirigir a cena, em total acordo com a exigência da pulsão, mesmo atuando nessa posição é quem convoca um outro a exercer um papel que é por ele intimado (BUCHAÚL, 2015). Isso nos remonta mais uma vez ao processo de identificação tão importante para a organização narcísica, já que essa convocação de um objeto para ocupar o papel ativo ocorre pela via da identificação e acarreta um retorno ao objeto de amor: “a transformação do sadismo em masquismo significaria um retorno ao objeto narcísico, enquanto nos dois casos o sujeito narcísico é trocado, mediante a identificação, por um outro Eu” (FREUD, 1915a/2010, p. 70).

Nessa via da identificação dirigida pelos pontos de vista econômico e dinâmico se encontra também a antítese amor-ódio, que considera a mudança de conteúdo da pulsão.

Buchaúl (2015) sugere que essa ação remonta a uma situação característica do narcisismo: “conforme a substituição do objeto ou do sujeito por um estranho, o que está em jogo é a finalidade ativa de amar ou a passiva de ser amado. Esta última, a de “ser amado”, está bem próxima do narcisismo” (BUCHAÚL, 2015, p. 53).

Por essa lógica, ser amado prevê a posição passiva no fortalecimento narcísico advindo da relação intersubjetiva; o sujeito busca ser amado pelo outro. Sendo assim, a antítese amor e ódio é um pressuposto da transformação da atividade em passividade, o que faz pensar que o masoquismo impulsiona o sujeito a “assumir um continente na condição de recruta e não de capitão, para que ele não perca o barco (BUCHAÚL, 2015, p. 53).

Essa obra pode ser definida como um ponto importante na continuidade da teoria das pulsões, um avanço metapsicológico significativo e também como um complemento necessário a teoria psicanalítica do desenvolvimento psicosexual, uma vez que a investigação das vicissitudes da pulsão sugere que estão estritamente ligadas a ambivalência ativa e passiva na fase autoerótica, assim como nas relações objetais e do processo das organizações narcísicas do Eu. Se nesse período histórico o masoquismo é um movimento secundário e, portanto, discutido como tal, em 1919, diante dos avanços clínicos, uma obra é dedicada a debater a essência do masoquismo para compreensão da gênese das perversões, colocando a fantasia como um fator decisivo nas qualidades da posição masoquista.

4.3 A fantasia a serviço do masoquismo

Alimentado pelas experiências clínicas, pelas descobertas sobre o desenvolvimento narcísico e sobre os destinos da pulsão, em 1919, o texto *Batem em uma criança - contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* apresenta, de forma progressiva, fatores complementares aos estudos das perversões iniciadas em *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Nesta obra, o masoquismo é abordado como uma condição importante para a organização genital, para a dissolução do complexo de Édipo e, conseqüentemente, para a escolha objetal (FREUD, 1919/2010).

Anteriormente, nos foi exposto que o sujeito convoca um objeto e sede a esse o papel ativo, ocupando assim a posição masoquista dentro desse movimento pulsional (FREUD, 1915a/2010). Essa dinâmica suscita questionamentos importantes não só para o conhecimento sobre a gênese das perversões, mas também sobre a própria constituição do masoquismo, se ele

é puramente passivo ou se estaria implicado diretamente pelo prazer e sofrimento diante da escolha objetal (BUCHAÚL, 2015).

Apoiado pela primeira teoria pulsional e antecedendo a virada de 1920, *Batem em uma criança - contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919/2010) é uma investigação direta sobre o contingente masoquista das organizações históricas e obsessivas que se apresentavam na clínica a partir de fantasias de espancamento; tais fantasias, que também traziam elementos sádicos, acompanhadas de prazer e sentimentos de culpa, informam um momento importante no desenvolvimento psíquico, um traço primário da organização perversa (FREUD, 1920/2010).

A partir desse pressuposto, Freud (1919/2010) relata que seu conhecimento sobre as fantasias de espancamento infantil se baseia na análise de seis casos atendidos por ele, sendo quatro femininos e dois masculinos. Detendo-se prioritariamente pelos casos femininos, ele aponta que durante esse período infantil de organização libidinal, entre 2 e 5 anos, a fantasia de espancamento passa por sucessivas transformações até atingir uma forma definitiva.

Partindo do apresentado em *Instintos e seus destinos* (1915a/2010), sob o pressuposto que o masoquismo é a reversão contrária da meta ativa do sadismo contra a própria pessoa, Freud (1919/2010) apresenta três fases da fantasia de espancamento, onde em cada etapa indica a relação do sujeito com o objeto de forma encenada. Cabe evidenciar que em cada fase há uma necessidade do autor em destacar se a fantasia é de natureza sádica ou masoquista.

Na primeira fase, que pertence a um período precoce da infância, a criança que fantasia a cena de espancamento não é a mesma que apanha, mas também não é ela quem bate; aqui é reconhecido que um adulto é o agressor, sendo posteriormente ligado à figura do pai, e a criança que apanha estaria mais próximo de um irmão mais novo, podendo ser esse um concorrente ao amor do pai.

Sendo assim, Freud (1919/2010) define que a fantasia nessa primeira fase expressa que o pai bate em uma outra criança, a qual aquela que está fantasiando odeia, sendo descrita como “O meu pai bate na criança (que eu odeio) porque ele não a ama, ele ama a mim”. Esse autor ainda considera essa como uma fantasia incestuosa, pois o ciúme da criança revela a vontade de ser exclusiva ao amor do pai, por isso não a define nem como sádica e nem como masoquista, pois estaria ela sob a ação do complexo de Édipo; isso quer dizer que se trata exclusivamente do egoísmo infantil e não do prazer masoquista ou sádico, a criança de fato nem se coloca na cena (FREUD, 1919/2010).

A segunda fase não possui um caráter real, Freud (1919/2010) a considera uma construção de análise, que é, exatamente por isso, a mais importante:

Essa segunda fase é a mais importante e mais preta de consequências. Em certo sentido, no entanto, pode-se dizer que ela não tem uma existência real. Em nenhum caso ela é lembrada, não chegou a tornar-se consciente. É uma construção da análise, mas nem por isso menos necessária (FREUD, 1919/2010, p. 302).

Por sua dimensão inconsciente, essa fase revela o componente prazeroso e a relação masoquista e incestuosa com o objeto. Agora, a criança que fantasia é a mesma que é castigada pela figura do pai; o prazer provém de ser castigada pelo pai junto aos aspectos psíquicos implicados no prazer da submissão ao objeto. Esse momento, diferente da primeira fase, é marcado pela repressão do complexo de Édipo, que traz a fantasia de espancamento como um substituto da fantasia de amor sexual pelo efeito do recalque (FREUD, 1919/2010); essa transformação qualitativa é devido a consciência de culpa e erotismo presente na agressividade, a culpa é, como descreve Freud, “o fator que transforma o sadismo em masoquismo” (FREUD, 1919/2010, p. 307).

A partir da transformação do sadismo em masoquismo, a fantasia que se inscrevia da seguinte maneira: “Meu pai me ama” é transformada em “Meu pai me bate”. Essa ação se caracteriza pela relação de culpa pelo desejo proibido e de prazer por ser objeto de atenção do pai, sendo a fantasia de espancamento, a amálgama de sofrimento e prazer, a pura expressão do masoquismo. No entanto, a origem do sentimento de culpa é ainda um mistério para Freud, ganhando um acréscimo importante em *O Eu e o Id* (1923/2011).

A terceira e última fase se reaproxima da primeira, pois ela é consciente e a criança não participa da cena, volta a ser observadora, e o agressor volta a ser indefinido, podendo ser ligado a outras figuras de autoridades. Já a criança que sofre a agressão, que nessa fase também pode ser uma humilhação de outra espécie, é substituída não por uma, mas por várias crianças do sexo oposto (meninos na fantasia feminina) (FREUD, 1919/2010). Essa fase, apesar de apresentar um componente sádico, a satisfação é masoquista: “Meu pai bate na criança, pois ele me ama”; é por isso, uma substituição da segunda fase, mesmo se assemelhando a primeira, pois o que rege essa fantasia é a repressão do componente incestuoso que realoca tanto a figura do pai na figura de outra autoridade, como reposiciona a criança novamente a observadora, se satisfazendo conscientemente de forma sádica através atos masturbatórios genitais, mas regida por uma cena masoquista de submissão (FREUD, 1919/2010).

Como pode-se notar, a exposição dessas sucessivas fases fantasiosas, leva Freud a uma análise íntima desse conteúdo com o complexo de Édipo: “se conduzimos a análise através do tempo remoto em que é colocada a fantasia de surra, e a partir do qual ela é recordada, a criança nos aparece enredada nas excitações de seu complexo parental” (FREUD, 1919/2010, p. 304). As fantasias estão sempre colocando a menina em relação afetiva com o pai junto a sentimentos de rivalidade com outras crianças, podendo ser até mesmo a mãe, e implicada em um sentimento de posse do objeto de amor:

A menina é afetuosamente fixada no pai, que provavelmente fez tudo para ganhar seu amor, lançando o germen de uma atitude de ódio e concorrência diante da mãe, atitude que subsiste junto a uma corrente de afetuosa dependência e que pode, com o passar do tempo, tornar-se consciente de maneira cada vez mais intensa e nítida, ou provocar uma exagerada ligação amorosa reativa com ela. Mas não é à relação com a mãe que a fantasia de surra se liga. Há outras crianças no ambiente, poucos anos mais velhas ou mais novas, das quais a criança não gosta por toda espécie de motivos, mas sobretudo porque tem que dividir com elas o amor dos pais, e que por isso afasta de si com toda a brava energia própria dos sentimentos dessa idade (FREUD, 1919/2010, p. 304).

A primeira fase da fantasia de surra é consciente no sentido de ainda não ter sofrido a repressão necessária a dissolução do complexo de Édipo, caráter esse presente na segunda fase, que traz o masoquismo como uma excitação libidinal regressiva ligada a fantasia inconsciente: “a fantasia da segunda fase, ser golpeado pelo próprio pai, permanece inconsciente por via de regra, provavelmente devido à intensidade da repressão” (FREUD, 1919/2010, p. 308).

A constatação a qual chega Freud nessa obra é que as perversões não são fatores isolados da vida sexual infantil, se acha comumente ligadas “aos processos normais do desenvolvimento” (FREUD, 1919/2010, p. 312). O complexo de Édipo então seria o marco nodal de desencadeamento neurótico, ao passo que as fantasias de espancamento seriam marcas deixadas no decorrer dessa organização libidinal infantil:

achamos que o complexo de Édipo é propriamente o núcleo da neurose, a sexualidade infantil que nele culmina, a verdadeira condição da neurose, e o que dele resta no inconsciente representa a disposição para o futuro adoecimento neurótico do adulto. A fantasia de surra e outras análogas fixações perversas seriam, então, apenas precipitados do complexo de Édipo, cicatrizes após o decurso do processo, digamos, exatamente como o famigerado “senso de inferioridade” corresponde a tal cicatriz narcísica (FREUD, 1919/2010, p. 313).

O masoquismo nessa obra parece servir pontualmente aquilo que a investigação se propõe, acrescentar ao conhecimento das perversões, visto que permanece sem contribuições a sua gênese, pois sua conclusão enfatiza como uma transformação do sadismo (FREUD, 1919/2010). No entanto, acrescenta que pulsão com meta passiva seria um elemento presente

na organização feminina e que a passividade não seria a totalidade do masoquismo, o desprazer também seria importante nessa composição: “[Pulsões] com meta passiva devem ser admitidos no princípio, sobretudo na mulher, mas a passividade não é todo o masoquismo; também é parte dele a característica do desprazer, surpreendente na satisfação [pulsional]” (FREUD, 2019/2010, p. 314 - colchetes nossos).

Esse elemento da passividade em relação a meta masoquista já havia sido apresentado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016) e *Instintos e seus caminhos* (2015a/2010), mas essa relação com a figura feminina é o indício do masoquismo feminino postulado em 1924 em *O problema econômico do masoquismo*, já que Freud (1919/2010) já enfatiza que no menino as fantasias masoquistas tomavam a posição feminina, pois apresentavam o componente homossexual de escolha objetal:

Ser golpeado, na fantasia masculina — como a chamarei, de forma breve, esperando não ser mal-entendido —, é igualmente ser amado no sentido genital, de forma rebaixada pela regressão. A inconsciente fantasia masculina original, portanto, não era “Eu apanho do meu pai”, como provisoriamente formulamos, mas “*Sou amado por meu pai*”. Ela foi transformada, pelos processos conhecidos, na fantasia consciente que diz: “*Eu apanho de minha mãe*”. A fantasia de surra do menino é então, desde o início, passiva, derivada realmente da atitude feminina em relação ao pai. Tanto como a feminina (da garota), ela corresponde ao complexo de Édipo, mas o paralelismo que esperávamos entre uma e outra deve ser abandonado em prol de um traço comum diverso: *em ambos os casos a fantasia de surra deriva da ligação incestuosa com o pai* (FREUD, 1919/2010, p. 320).

Buchaúl (2015) enfatiza que o desprazer presente no princípio passivo da pulsão masoquista está “ligado à privação do desejo de amor incestuoso pelo pai, que vai ser submetido ao sentimento de culpa que atua em conjunção com o recalque. Daí, portanto, a finalidade da fantasia de castigo; e também a transposição de conteúdo – do par amor e ódio” (BUCHAÚL, 2015, p. 62). Desse modo, o recalque é o fator principal que transformará o sadismo em masoquismo voltado ao próprio Eu por ocorrência do sentimento de culpa (FREUD, 1919/2010).

Batem em uma criança - contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919/2010) responde dúvidas importantes acerca da gênese das perversões, seguindo diretamente a lógica da evolução psicosexual proposto em 1905, em *Os Três ensaios*, que inicia essa investigação sobre a relação pulsional, a organização libidinal e o desenvolvimento humano; usa, pois, do masoquismo para levantar hipóteses que agregam a dinâmica familiar e o conflito amoroso. Apesar disso, não deixa de gerar questões e curiosidades que acarretam contribuições nos anos posteriores, tal como a origem da culpa inconsciente que faria parte dessa etapa da organização psíquica. Em 1923, Freud vai se deter sobre esse enunciado.

Juntamente a isso, a virada de 1920, um ano após *Batem em uma criança*, traz em *Além do princípio do prazer* (1920/2010) a fundamentação de uma nova teoria pulsional que marca a psicanálise nos anos posteriores; isso faz com que a noção tanto de masoquismo quanto de sadismo sejam revisitadas em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011) e a ideia de um masoquismo primário e anterior ao sadismo seja postulada. Tais pressupostos só são possíveis com o advento da compulsão à repetição, a descoberta da pulsão de morte e da parte inconsciente do Eu que geram novos direcionamentos sobre a organização psíquica e contribuem para um novo paradigma da tópica freudiana.

4.4 A solução para o problema econômico do masoquismo

Se em 1915a, as postulações em torno do masoquismo o concebem como um retorno do sadismo sobre o próprio Eu e em 1919 o relaciona com as fantasias sexuais edípicas em um movimento de continuidade sob a égide do primeiro dualismo pulsional, alguns elementos dessa articulação em torno do masoquismo continuam a gerar questionamentos; a culpa inconsciente que envolve as fantasias de espancamento (1919/2010) se une a afirmativa de desprazer ao lado da satisfação que constitui o pressuposto do problema econômico do masoquismo.

Um ano após a publicação de *Batem em uma criança* com os avanços teórico-práticos da psicanálise que buscavam responder a problemáticas em torno do adoecimento psíquico, como também levantavam questões e impasses, a hipótese de um princípio além daquele regulador e fundamental para a psicanálise, revira o que se sabia, até então, sobre o psiquismo. A noção de pulsão de morte em *Além do princípio do prazer* (1920/2010) suscita a mudança na qual se desdobra no segundo dualismo pulsional. Essa reconfiguração dá um destaque ao masoquismo como estrutural para o psiquismo em uma relação íntima enquanto manifestação mental primitiva (BUCHAÚL, 2015).

Em 1920, Freud expôs uma clara apresentação das limitações que se põe à psicanálise a respeito do princípio do prazer. Já é identificável aí, de forma mais amplificada, o real problema do masoquismo na busca da satisfação pulsional. Ele descreve: “se o trabalho do aparelho psíquico se dirige para manter baixa a quantidade de excitação, tudo o que tem a propriedade de aumentá-la será percebido como disfuncional, ou seja, como desprazeroso” (FREUD, 1920/2010, p. 164). Como já havia sido exposto em *Os Instintos e seus destinos* (1915a/2010) e em *Batem em uma criança* (1919/2010) o desprazer é uma das características principais do masoquismo ao lado da passividade.

Essa declaração evidencia que, diante da economia libidinal e do trabalho regulador do princípio prazer, o masoquismo elevaria a excitação ao mesmo tempo que obteria prazer com/nessa relação. Como isso seria possível dentro do já estabelecido e de acordo com o conflito pulsional em vigência até esse momento? Esse é um dos caminhos que leva Freud a reformulação epistemológica da origem do aparelho mental e também das pulsões que se inicia nesse momento.

Ao abordar os sonhos dos neuróticos de guerra como uma repetição de um momento traumático desviado no sonho de seu propósito inicial por influência da censura em mascarar a tendência realizadora do desejo, Freud remete que ir contra essa lógica seria retornar a tendências masoquistas do Eu, exposto anteriormente n'*A interpretação dos sonhos* (1900/2019) (FREUD, 1920/2010). Ao decorrer de *Além do princípio do prazer* (1920/2010) e fazendo jus a segunda tópica, é exposto que nem todo sonho é de fato uma realização de desejo. Isso nos faz pensar que de fato essa organização psíquica que se origina na/da pulsão de morte traz em seu bojo o desprazer como uma tendência importante, e a ideia de tendências masoquistas no Eu coloca o masoquismo como uma via importante na lógica tanto da compulsão à repetição como da pulsão de morte.

Nessa obra de 1920, Freud fala muito em desprazer, mas pouco em masoquismo ou sadismo. Podemos pensar que o que está em pauta aqui não é a características da pulsão como a manifestação libidinal de investimento amoroso, mas de uma organização pulsional e originária, imprescindível ao desenvolvimento psíquico; além de conectar pontos importantes que não desvalorizem o processo do princípio do prazer, mas que o coloquem como secundário, no sentido evolutivo, aos processos mentais.

Dessa forma, o autor recorre a polaridade amor e ódio para encontrar caminhos que o levem adiante naquilo que ele chama de “penumbra em que se acha a teoria [das pulsões]” (FREUD, 1920/2010, p. 225 – colchetes nossos). Ele se questiona a partir desses componentes pulsionais presentes nas relações objetais como características de uma amálgama das pulsões de morte e de vida e representa, ainda em um claro movimento do que nos é apresentado em 1905/2016, 1915a/2010 e 1919/2010, a partir do sadismo para representar esse direcionamento investigativo:

Mas como pode o instinto sádico, que visa aferir o objeto, ser derivado do Eros conservador da vida? Não cabe supor que esse sadismo é na verdade um instinto de morte que foi empurrado do Eu pela influência da libido narcísica, de modo que surge apenas em relação ao objeto? Então ele entra a serviço da função sexual; no estágio oral da organização da libido, a posse amorosa ainda coincide com a destruição do objeto, depois o instinto sádico se separa e enfim, no estágio da primazia genital, para

a finalidade da procriação, assume a função de subjugar o objeto sexual até o ponto exigido para a realização do ato. Podemos dizer, de fato, que o sadismo expulso do Eu mostrou o caminho aos componentes libidinais do instinto sexual; depois estes acorrem para o objeto. Quando o sadismo original não experimenta atenuação ou fusão, produz-se a conhecida ambivalência de amor e ódio na vida amorosa. (FREUD, 1920/2010, p. 225).

É por essa ótica, e saindo um tanto da penumbra, que usa do masoquismo para exemplificar a ambivalência de amor e ódio como representante de uma amálgama entre pulsão de morte e pulsão de vida. Freud volta a resgatar, tal como em *Os Três ensaios* (1905/2016), o masoquismo como componente secundário ao sadismo, mas faz isso dando um novo primado. Destaca ele:

Então poderemos lembrar que tal suposição não é nova, que já a fizemos antes, num momento em que não havia nenhum embaraço. Observações clínicas nos levaram, naquela época, à concepção de que o instinto parcial complementar ao sadismo, o masoquismo, deve ser entendido como uma reversão do sadismo para o próprio Eu. Mas em princípio não há diferença entre uma volta do instinto para o Eu, desde o objeto, e a volta desde o objeto para o Eu, de que aqui tratamos agora. O masoquismo, a volta do instinto contra o próprio Eu, seria então, na realidade, um retorno a uma fase anterior dele mesmo, uma regressão. Em um ponto a descrição que ali se fez do masoquismo necessitaria de correção, por ser demasiado exclusiva; o masoquismo também pode ser primário, algo que ali pretendi contestar (FREUD, 1920/2010, p. 226).

Freud antecipa aqui um dos fatores importantes de onde partirá a investigação sobre o problema econômico do masoquismo; não mais como uma contraparte secundária ao sadismo, mas uma representação originária da pulsão. Isso só é possível a partir da noção de pulsão de morte e da reformulação da tópica Freudiana em 1923.

Se durante todo o postulado da teoria freudiana sob o domínio da primeira teoria pulsional e sendo regulada pelo processo do princípio do prazer o masoquismo já se apresentava como um problema a economia libidinal, aqui, em 1920, é realocado como independente a esse princípio, pois o desprazer sentido na posição masoquista estaria subentendido como uma representação da pulsão de morte, que se satisfaz do acúmulo de tensão, e que depois se amalgama as pulsões sexuais pelo domínio da vida, como já foi destacado acima.

Como já foi exposto, em 1923 é estabelecido que o Id é a instância que sedia as pulsões, sendo o que há de mais primitivo no indivíduo, conseqüentemente, de onde urge a pulsão de morte e a libido. É nesse contexto que é postulada a segunda tópica freudiana. O que se segue então, em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011) acompanha a evolução do pensamento da teoria psicanalítica a partir dos elementos que fundamentam a virada de 1920, o que faz com que Freud retome o enigma do masoquismo frente o princípio do prazer para então seguir a apresentação de um masoquismo originário.

Se o desprazer e a dor se tornam em si mesmos objetivos, o masoquismo passa a ser incognoscível ao processo que deveria dominar o aparelho psíquico, assim “o princípio do prazer é paralisado, o guardião de nossa vida psíquica é como que narcotizado” (FREUD, 1924/2011, p. 185). Se ao contrário do sadismo, o masoquismo expressa uma lógica distinta e perigosa ao princípio do prazer, o caminho que segue é a de “investigar a relação do princípio do prazer com as pulsões de vida e de morte a fim de apurar melhor esta problemática (BUCHAÚL, 2015, p. 83).

Como já foi exposto¹¹, com a introdução de um princípio além do prazer, o principal regulador durante todo o domínio da primeira tópica e do primeiro dualismo pulsional é descentralizado, o princípio do prazer se torna secundário a partir de 1920. O princípio do nirvana, a serviço da pulsão de morte, que busca conduzir o organismo a um estado inorgânico ou a um mais baixo nível de tensão possível foi primeiramente identificado como um princípio regulador do prazer e desprazer, dessa forma todo aumento e acúmulo de tensão seria percebido como desprazer e o rebaixamento dessa tensão seria sentido como prazer (FREUD, 1924/2011). Porém, como já vem sendo apresentado, desde seus primeiros desdobramentos dentro da teoria freudiana, o masoquismo coloca em xeque essa lógica; assim Freud esclarece que:

não há dúvida de que existem tensões prazerosas e distensões desprazerosas. O estado de excitação sexual é o mais claro exemplo de um aumento de estímulos assim prazeroso, mas certamente não é o único. Prazer e desprazer, portanto, não podem ser referidos ao aumento ou diminuição de uma quantidade que chamamos de tensão devida a estímulos, embora claramente tenham muito a ver com isso (FREUD, 1924/2011, p. 186).

Não há, portanto, uma recusa ao princípio do prazer, ele continua a ser o guardião da vida; o que se exprime desse esclarecimento é que o princípio do nirvana e o princípio do prazer-desprazer não são um só; esse último é uma modificação do primeiro em decorrência da introdução do princípio da realidade, ou seja, da interação do ser vivo com o mundo exterior (FREUD, 1923/2011). Assim, em decorrência de um processo evolutivo onde a libido, em prol da busca por satisfação pulsional, toma a frente dos processos regulamentares da vida, a pulsão de morte cede aos impulsos sexuais, esse movimento caracteriza a incidência da pulsão de vida (FREUD, 1920/2010; 1923/2011; 1924/2011). Sendo assim, sem que anule o outro, enquanto o princípio do nirvana segue a tendência da pulsão de morte, o princípio do prazer-desprazer representa a insurgência da pulsão de vida no aparelho psíquico (FREUD, 1924/2011).

¹¹ Capítulo 1 desta monografia

Essas declarações permitem alcançar outra visão de valor sobre a origem do masoquismo: a de que ele possui um “fundamento biológico e constitucional” (FREUD, 1924/2011, p. 188). Sendo o que há de mais primitivo na gênese do aparelho psíquico, a pulsão de morte se caracteriza como uma tendência a destruição do organismo em prol de um estado inorgânico, mas essa pulsão de destruição, como denomina Freud, seria, em uma parte, desviada pela libido para o exterior, para objetos no mundo externo; o sadismo é uma parte dessa pulsão a serviço da função sexual por manifestação da pulsão de vida (FREUD, 1924/2011). O que acontece com a outra parte é o que será enfim postulado como o masoquismo originário e constitutivo do indivíduo – o masoquismo erógeno: “Uma outra parte não realiza essa transposição para fora, permanece no organismo e, com ajuda da mencionada excitação sexual concomitante, torna-se ligada libidinalmente; nela devemos reconhecer o masoquismo original, erógeno” (FREUD, 1924/2011, p. 191).

O masoquismo original ou erógeno é, portanto, a modificação da pulsão de morte devido a ação da libido em desviar os impulsos destrutivos; a parte dessa energia lançada para fora é então o sadismo primordial. É importante ressaltar que o masoquismo erógeno não é pura pulsão de morte, mas, sim, “a formação em que sucedeu o amálgama, tão importante para a vida de Eros e [pulsão de morte]” (FREUD, 1924/2011, p. 192 - colchetes nosso). Dessa forma, o masoquismo é a fusão mais antiga entre Eros e Tanatos, se tornando anterior ao sadismo, ocasionando assim uma inversão do que vinha sendo exposto desde 1905. Buchaúl e Câmara (2016) denotam então que “a partir da segunda tópica, o masoquismo se torna primário em relação ao sadismo” (p. 11).

Nessa inversão, onde o masoquismo é agora anterior ao sadismo, Freud postula a hipótese de um masoquismo secundário, que resultaria do retorno da pulsão de destruição, sendo reintrojada em um movimento de regressão e se juntando aquele masoquismo que permanece no indivíduo (FREUD, 1924/2011). Esse movimento se assemelha com aquele proposto em *Introdução ao narcisismo*, onde a libido narcísica retorna para o Eu (FREUD, 1914/2010), no entanto, Freud não determina os fatores que acarretaria essa regressão do sadismo para o organismo, mas afirma que “o masoquismo erógeno partilha todas as fases do desenvolvimento da libido, delas tomando as variadas roupagens psíquicas que assume” (FREUD, 1924/2011, p. 193).

Do masoquismo erógeno se desdobram ainda duas outras formas de masoquismo – o masoquismo feminino e o masoquismo moral. O masoquismo feminino é denominado assim por corresponder a posição passiva em relação ao objeto (FREUD, 1924/2011; BUCHAÚL,

2015, BUCHAÚL; CÂMARA, 2016), algo abordado anteriormente em *Instintos e seus destinos* (1915a/2010) e mais expressivamente em *Batem em uma criança* (1919/2010). Aqui Freud retoma a noção das fantasias masoquistas infantis expostas em 1919 e as correlacionam com a roupagem real dos atos masoquistas perversos, ao passo que é manifestada como “a realização das fantasias em forma de jogo” (FREUD, 1924/2011, p. 189). Essa roupagem reflete que a demanda principal desse masoquismo é a de que o sujeito quer ser tratado como “uma criança pequena, desamparada e dependente, mas especificamente como uma criança mal comportada” (FREUD, 1924/2011, p. 189).

Buchaúl e Câmara (2016) ainda afirmam que esse tipo de masoquismo manifesta as fantasias infantis de castração e as expressam na busca pela posição feminina. O masoquismo feminino apresenta então o masoquismo com a característica de perversão sexual. Assim, os desdobramentos em torno do masoquismo diante da segunda tópica não anulam aquele exposto sob o primeiro dualismo pulsional, mas, sim, reorganiza o masoquismo e a problemática da sua economia libidinal.

O terceiro e último tipo de masoquismo abordado neste ensaio, o masoquismo moral, assim como o masoquismo feminino, já havia, de certa forma, sido abordado ao longo de outros trabalhos, pois trata-se da estreita relação entre sofrimento e sexualidade. A este contexto é retomado a hipótese do masoquismo secundário, pois estabelece que a agressividade reintrojada se une a uma parte do Eu que o subjuga e estabelece a ele uma necessidade de punição: “Na explicação desse comportamento, tudo convida a deixar de lado a libido e limitar-se a supor que o instinto de destruição foi novamente voltado para dentro e se enfurece com a própria pessoa” (FREUD, 1924/2011, p. 194).

Freud esclarece que essa necessidade de punição é o avanço teórico daquele postulado sobre culpa inconsciente abordado em *O Eu e o Id* (1923/2011) e declara que esse sentimento acarreta ao que ele analisa como a reação terapêutica negativa, já que a pessoa se considera merecedora de sofrimento e tenta conservar uma medida deste em sua vida (FREUD, 1924/2011). Esse componente erótico que visa a punição como uma necessidade por existir uma culpa inconsciente faz com que a meta do masoquismo moral seja o sofrimento em si, não importa de quem ele venha, não importa se é por uma pessoa amada ou não (FREUD, 1924/2011).

A partir da noção de culpa inconsciente, é necessário retornarmos à função do Super-eu e também a sua hiper moralidade e necessidade de subjugar o Eu. Como vimos em *O Eu e o Id* (1923/2011), Freud apresenta a instância herdeira do complexo de Édipo e, por conta disso,

com a função de manter a integridade do Eu pela via moral, sendo mais próxima do Id do que da consciência, mas representando no inconsciente pessoas do mundo exterior. N’*O problema econômico do masoquismo* (1924/2011) o Super-eu é convocado para expressar a proximidade entre tal instância e o masoquismo moral, uma vez que ambos estabelecem relação direta com o Eu.

Freud indica um comparativo. Ele aponta novamente o que já havia exposto em *O Eu e o Id* (FREUD, 1924/2011), que o Super-eu institui sua moralidade a partir das relações com as figuras parentais e que daí surge sua tendência punitiva: “O Super-eu conservou características essenciais das pessoas introjetadas, seu poder, sua severidade, sua inclinação a vigiar e punir” (FREUD, 1924/2011, p. 196). Da mesma forma, destaca a importância das figuras parentais para a origem do sentimento de culpa, remontando o que já havia sido abordado em *Batem em uma criança* (1919/2010), mais especificamente nas fantasias inconscientes de amor à figura paterna:

Ora, sabemos que o desejo de ser surrado pelo pai, tão frequente nas fantasias, é muito próximo àquele outro, de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele, e constitui apenas uma deformação regressiva deste. Inserindo esse esclarecimento no conteúdo no masoquismo moral, seu significado oculto vem a ser claro para nós (FREUD, 1924/2011, p. 200).

Dessa forma, o autor formula que a agressividade que subjuga o Eu é na verdade, efeito do masoquismo secundário; a destrutividade que retorna para o indivíduo é em parte acolhida pelo Super-eu que a usa de forma sádica para punir o Eu diante de suas fantasias incestuosas, assim o masoquismo moral é a passividade do Eu, que, por conta de uma culpa inconsciente primitiva, se torna passivo diante da hipermoralidade do Super-eu e seu impulso sádico:

os fenômenos da consciência [moral] levam a supor que a destrutividade que retoma do mundo exterior também é acolhida pelo Super-eu sem tal transformação, eleva o sadismo deste para com o Eu. O sadismo do Super-eu e o masoquismo do Eu complementam um ao outro e se juntam para produzir as mesmas consequências (FREUD, 1924/2011, p. 201).

A conclusão é que o masoquismo moral se desdobra no sujeito como uma necessidade de punição que se fundamenta pelas relações do Eu com as figuras externas, mas que isso se origina a partir da dessexualização do complexo de Édipo. Assim, esse terceiro tipo de masoquismo apresenta uma estreita relação entre a dinâmica entre o Eu e o Super-eu, algo que faz com que a característica neurótica dessa condição permaneça se satisfazendo do sentimento

de culpa inconsciente, o que resulta na reação terapêutica negativa e na dificuldade em abandonar a posição passiva frente a qualquer forma de castigo (FREUD, 1924/2011).

A introdução da noção de pulsão de morte permitiu pensar o masoquismo não mais de uma forma limitada, perversa ou uma contraparte da pulsão sádica, mas o levou às origens do psiquismo, atingindo assim o caráter não mais de um simples conceito e, sim, dentro de uma teoria da constituição psíquica. *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011) não só esclarece a posição do conceito dentro da segunda tópica, como também abre caminho para concebê-lo como estrutural e fundamental para a expressão da amálgama entre Eros e Tanatos. Ao longo das obras onde Freud aborda o masoquismo, mas principalmente ao final desse ensaio de 1924, fica clara a relação íntima entre o masoquismo e o Eu. Cabe então pensar qual é de fato a influência do masoquismo, essa expressão da pulsão de vida e de morte, para a constituição do Eu. É por esse caminho que seguimos.

5 A CONTRIBUIÇÃO DO MASOQUISMO PARA A CONSTITUIÇÃO DO EU

Se economizarmos em palavras para tentar mapear a gênese do Eu em Freud, encontramos o caminho descrito por Laplanche e Pontalis (2016), no qual apontam dois singelos momentos já descritos ao longo deste trabalho: “quer vendo nele um aparelho adaptativo, diferenciando a partir do Id, em contato com a realidade exterior, quer definindo-o como o produto de uma identificação que levam a formação no seio da pessoa de um objeto de amor investido” (p. 125). Ambos os momentos, apesar de distintos e escritos em momentos históricos tanto em uma linha cronológica quanto em termos de virada na psicanálise, não se anulam. O primeiro faz menção ao descrito em *O Eu e o Id* (1923/2011), que, mesmo sendo escrito muito depois, vem antes se pensarmos de maneira evolutiva sobre a constituição do Eu; já o segundo faz menção a teoria do narcisismo apresentada em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010).

Essa linha constitutiva que enxerga o Eu tanto como uma parte do Id como também como uma influência do narcisismo se complementa, enxergar dessa maneira se faz importante para apresentarmos como o masoquismo agrega nessa equação. Sendo assim, mesmo que posterior na teoria psicanalítica, é preciso fazer o movimento de antecipar o apresentado a partir de 1920 e em seguida abordarmos o marco do narcisismo, para que possamos ter uma compreensão constitutiva e também evolutiva sobre a contribuição do masoquismo para a gênese do Eu.

Em 1920, não só a concepção de uma nova retomada para a origem do aparelho psíquico é reformulada, como temos embrenhado nessas novas especulações o retorno ao desprazer como fundamental para a psicogênese. Esse relacionamento do desprazer com o aparelho psíquico já havia sido pauta em *O Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895] /1997), como aponta Monzani (2014), mas nos interessa aqui mostrar um paralelo também com o masoquismo primordial apresentado em 1924. Primeiro vejamos como Freud (1920/2010) coloca em *Além do princípio do prazer*:

É indubitável, porém, que a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade pode ser responsável tão somente por uma pequena parte, de modo algum a mais intensa, das experiências de desprazer. Uma outra fonte de origem do desprazer, não menos regular, acha-se nos conflitos e cisões dentro do aparelho psíquico, enquanto o Eu perfaz seu desenvolvimento rumo a organizações mais complexas (FREUD, 1920/2010, p. 166).

Aqui já temos uma breve menção ao que viria ser mais elaborado em *O Eu e o Id* (1923/2011), mostrando que desde os processos mais primitivos o Eu já estaria em

desenvolvimento, mas, ainda assim, não é novo na teoria psicanalítica. No *Projeto* (1950 [1895] /1997), Freud já colocava o Eu também como um fator importante nesse processo de prazer e desprazer que seriam noções estruturantes para a mente; o Eu estaria como o regulador, afastando o que seria desprazeroso através de percepções mnêmicas de sensações desprazerosas. Assim, especula Freud, “se o ego existe, ele deve inibir os processos psíquicos primários” (1950 [1895] /1997, p. 246).

O interessante desse postulado de 1895 é que o que seria desprazeroso inicialmente viria pela não satisfação das necessidades básicas, tal como a alimentação; o Eu, responsável por liberar afetos desprazerosos, mas também por inibir ligações que causaria desprazer, no momento da não satisfação de uma necessidade, inclinaria o aparelho psíquico a se satisfazer através da alucinação, ou seja, criaria a noção primitiva de desejo:

A catexia de desejo, levada ao ponto de alucinação, [e] a completa produção do desprazer, que envolve o dispêndio total da defesa, são por nós designadas como processos psíquicos primários; em contrapartida, os processos que só se tornam possíveis mediante uma boa catexia do ego, e que representam versões atenuadas dos referidos processos primários, são descritos como processos psíquicos secundários (FREUD, 1950 [1895] /1997, p. 248).

Tanto nas postulações de 1895 quanto nas de 1920, o aparelho psíquico se desenvolve a partir da dominação das excitações desprazerosas, rumo ao princípio da realidade, afinal de contas a descrição do aparelho psíquico de 1895 e a compulsão à repetição possuem a mesma base – o princípio da constância. Esse momento em que o princípio do prazer “cede” espaço ao princípio da realidade também é fator importante para a gênese do Eu. Podemos ver isso melhor em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911a/2010), onde igualmente encontramos declarações que colaboram para a hipótese da contribuição do masoquismo para a constituição do Eu.

As ideias abordadas em 1911a são brevemente retomadas, uma vez que, Freud (1924/2011) inicia sua teoria sobre o masoquismo primordial repensando suas declarações sobre o princípio do prazer regular o psiquismo. Eis a sua observação:

se o princípio do prazer domina os processos psíquicos de tal forma que o primeiro objetivo deste é evitar o desprazer e conseguir prazer, o masoquismo torna-se algo incompreensível. Se a dor e o desprazer podem já não ser advertências, mas objetivos em si mesmos, o princípio do prazer é paralisado, o guardião de nossa vida psíquica é como que narcotizado (FREUD, 1924/2011, p. 185).

Sabemos que na obra de 1911a, Freud elabora a partir dos dois princípios, que datada a essa época, a forma de se organizar do aparelho psíquico. Ele declara então que já existe uma

atividade primitiva que na não-obtenção de suas satisfações gera um desprazer, isso indica que as pulsões já se movimentam em torno de uma tendência ao desprazer, visto que esse movimento seria destrutivo se não sofresse a incidência do princípio da realidade (FREUD, 1911a/2010). Tais ideias, continua Freud, fazem com que o Eu se desenvolva, ainda de forma arcaica, durante esse processo via princípio do prazer-desprazer à princípio da realidade.

Freud (1911a/2010) lança mão a ideia de um Eu-de-prazer, que estaria submetido ao momento em que os processos anímicos eram totalmente primários, em seguida, sugere a transformação desse Eu-de-prazer em Eu-realidade, o que ocorreria no estabelecimento do princípio da realidade:

Assim como o Eu-de-prazer não pode senão desejar, trabalhar pela obtenção de prazer e evitar o desprazer, o Eu-realidade necessita apenas buscar o que é útil e proteger-se dos danos. Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda (FREUD, 1911a/2010, p. 116).

Isso evidencia que esse desprazer constitutivo, que retornará a partir de 1920 como pulsão de morte, já apresenta em seu bojo um Eu arcaico e que ao que tudo indica se satisfaz a partir dessa tensão, pois se voltamos ao exposto em 1924 vemos a concepção freudiana de uma intrincação pulsional que se origina a partir desse desprazer, ou, como ele rebatiza, agressividade constitutiva advinda da pulsão de morte, na qual se encontra toda a ideia do masoquismo erógeno:

A libido encontra nos seres vivos (multicelulares) o instinto de morte ou destruição que neles vigora, que busca desintegrar este ser e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de inorgânica estabilidade (ainda que esta possa ser apenas relativa). Ela tem a tarefa de fazer inócuo esse instinto destruidor, e a cumpre desviando-o em boa parte - e logo com ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura - para fora, para os objetos do mundo exterior. Então ele se chamaria instinto de destruição, instinto de apoderamento, vontade de poder. Uma parte desse instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, na qual tem um importante papel. É o sadismo propriamente dito. Uma outra parte não realiza essa transposição para fora, permanece no organismo e, com ajuda da mencionada excitação sexual concomitante, torna-se ligada libidinalmente; nela devemos reconhecer o masoquismo original, erógeno (FREUD, 1924/2011, p. 191).

Essa intrincação pulsional é por excelência a representação da amálgama da pulsão de vida e da pulsão de morte, ou seja, o masoquismo é por definição freudiana a fusão que a libido realiza junto a pulsão de morte (FREUD, 1924/2011). É a partir dessa formulação sobre a intrincação pulsional que se resolve o problema econômico do masoquismo e realoca o princípio do prazer, que não foi abandonado. Rosenberg (2003) aponta que somente pelo

advento do masoquismo erógeno é que se estabelece o mecanismo que leva ao bom funcionamento do princípio do prazer:

O princípio de prazer é portanto uma modificação levada ao princípio de Nirvana, modificação que a libido traz ou impõe a lei do funcionamento (princípio de Nirvana) da pulsão de morte. Podemos utilizar, com esse propósito, a metáfora do paralelograma de forças: as duas forças, pulsão de morte e pulsão de vida, dão uma resultante que é o princípio do prazer. Essa modificação só pode acontecer, é claro, supondo o que chamamos de intrincação pulsional, a ligação da pulsão de morte pela libido (ROSENBERG, 2003, p. 79).

A afirmação de Rosenberg (2003) remete diretamente a exposição de Freud a respeito dessa importância da intrincação pulsional: “o masoquismo propriamente erógeno [...] tornou-se componente da libido, e, por outro lado, ainda tem seu próprio ser como objeto” (FREUD, 1924/2011, p. 192); e mais do que isso, a segunda parte desse enunciado ainda apresenta uma semelhança com a fase de investimento narcísico secundário:

Não ficaremos surpresos de ouvir que, em determinadas circunstâncias, o sadismo ou instinto de destruição voltado para fora, projetado, pode ser novamente introjetado, voltado para dentro, desse modo regredindo à sua situação anterior. Então ele resulta no masoquismo secundário, que se junta àquele original (FREUD, 1924/2011, p. 193).

Não é distante pensar então que o masoquismo erógeno contribui para o bom funcionamento psíquico a partir de fortes investimentos. Dado essa perspectiva, Rosemberg (2003) denota que o masoquismo não só influencia para o bom funcionamento do princípio do prazer, pois sua intrincação visa modificar a agressividade, mas também suportá-la, marcando assim como “o momento formador, da primeira estruturação do Eu arcaico, que se constitui em torno do núcleo masoquista erógeno primário e da lei que rege seu funcionamento, o princípio do prazer” (ROSENBERG, 2003, p. 81). Pensar em um Eu arcaico é fazer o caminho demonstrado por Freud (19011a/2010) de um Eu-de-prazer para o Eu-realidade.

O masoquismo não só abala como configura o princípio do prazer (ROSENBERG, 2003) ao pressupor um prazer na dor, um prazer com a sensação de desprazer. O que afirma Rosemberg (2003) é que a pulsão de morte, o fator desprazeroso no aparelho psíquico, só pode ser sentido como prazer a partir do componente masoquista gerado pela intrincação pulsional, que não somente suporta o desprazer como se satisfaz a partir do aumento de tensão. É por esse motivo que não pode ser chamado de outra forma que não seja masoquismo.

Isso nos leva a pensar o fator sexual necessário para o desenvolvimento a partir dos investimentos objetivos e também para a realização na dinâmica de transformação em Eu-de-prazer para Eu-realidade. A excitação sexual tem, como coloca Freud (1905/2016), “o caráter

de desprazer” (p. 123); dito isso, Fortes (2007) sugere pensar, a partir dessa conjectura, o fator erótico do masoquismo que leva a “um prazer que, por poder existir simultaneamente à dor, é uma experiência de intensidade e de potência eruptiva” (p. 35). A excitação sexual seria então um problema se não existisse o masoquismo para suportá-la e retirar desse funcionamento um prazer. À vista disso, nós fazemos a seguinte pergunta: como se dá a transformação desse desprazer em prazer?

Em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011) é sugerido um caminho:

a tarefa de fazer inócuo esse instinto destruidor, e a cumpre desviando-o em boa parte - e logo com ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura - para fora, para os objetos do mundo exterior. Então ele se chamaria instinto de destruição, instinto de apoderamento, vontade de poder. Uma parte desse instinto é colocada diretamente a serviço da função sexual, na qual tem um importante papel (FREUD, 1924/2011, p. 191).

Fazendo coro ao exposto por Freud, Fortes (2007) reitera que essa pode ser vista como uma capacidade que o psiquismo toma para manter a tensão em um nível que possibilite extrair do desprazer uma satisfação:

Sobre essa descrição, é importante ressaltar aqui um movimento que é libidinal, mas que não é de descarga, pois a tensão “permanece dentro do organismo”, e faz isso porque pode contar com “o auxílio da excitação sexual”. Trata-se, portanto, de uma experiência de dor que é também erótica, de um modo de masoquismo que é também erotização sexual. Não por acaso, um dos qualificativos que Freud oferece para este masoquismo é o adjetivo “erógeno” (FORTES, 2007, p. 38).

Essas considerações evidenciam a importância do masoquismo na constituição subjetiva por ser o fator que suporta a excitação sexual antes que essa seja descarregada, nisso ele funciona, como define Rosemberg (2003), como um guardião da vida por impedir a destruição do indivíduo pela pulsão de morte. A partir disso podemos pensar os caminhos que levam ao autoerotismo que surge como a manifestação da intrincação pulsional investida no corpo, pois, como Freud (1924/2011) anunciou, ao se tornar componente da libido, o masoquismo erógeno ainda tem seu próprio ser como objeto. Desse modo, “o dito masoquismo erógeno seria constitutivo do autoerotismo” (BIRMAN, 2016, p. 239).

Aqui é importante elucidar que esse masoquismo se dá pela via erótica, escrita no campo pulsional, e não como perversão. O masoquismo perverso fixa-se em objeto ou meta, o domínio do prazer se torna rígido, monocromático, quando que pela via do erotismo a experiência se dá a partir da experiência flexível da pulsão. Pensar por essa dimensão erótica é lembrar como Freud (1920/2010) atribui a necessidade do organismo em se manter vivo através de ligações

prazerosas com o mundo, assim ele define Eros como a pulsão que visa manter o sujeito vivo. É por esse ponto de vista que compreendemos o masoquismo erógeno.

Em 1905, Freud define o autoerotismo como o momento em que a satisfação pulsional está inteiramente voltada ao próprio corpo, como esse sendo o objeto a qual a satisfação deriva das zonas erógenas. Nessa mesma obra, é frisado que a pulsão é a representação limite entre o corpo e o psíquico, “uma espécie de delegação enviada pelo somático ao psiquismo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 395). Em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911a/2010) é colocado como sendo o momento em que o Eu-de-prazer perfaz seu caminho ao Eu-realidade. Em 1914, Freud marca como sendo o momento anterior ao narcisismo e a fase inicial da constituição do Eu. Em 1924, é sugerido então que o masoquismo perfaz esse caminho em cada uma dessas concepções do autoerotismo que, é claro, se complementam: primeiro a partir do investimento no próprio ser que se deu a partir da intrincação pulsional, em seguida pela satisfação da tensão através da própria musculatura tendo a sexualidade como via (FREUD, 1924/2011).

Rosenberg (2003) declara que esse momento é crucial para se compreender a intrincação pulsional que manterá o indivíduo vivo, pois é, em sua visão, através desse componente que surge o investimento objetal:

O aspecto que nos parece essencial é o de que a intrincação pulsional é condicionada pelo objeto (sua representação). O objeto é assim duplamente investido pulsionalmente: a pulsão de morte tende a deslocá-lo, a fazê-lo em pedaços, a dissolvê-lo, e, por outro lado, a libido que se esforça, paralelamente, nos objetivos sexuais, em conservar o objeto de investimento, em mantê-lo. A libido procura ligar ali onde a pulsão de morte tende a desligar. O objeto torna-se assim a condição, o cimento da intrincação pulsional, o mediador dessa última (ROSENBERG, 2003, p. 101).

Lembramos assim que no autoerotismo o próprio corpo do bebê é objeto de investimento libidinal, a satisfação pulsional se dá pela via das múltiplas zonas erógenas, ou seja, não existe momento em que não existiu relação objetal (GARCIA-ROZA, 2009). Como Freud (1924/2011) afirma que a incidência da libido na pulsão de morte faz com que ela seja colocada a serviço da função sexual, temos movimento que Rosenberg (2003) evidencia: é através da intrincação pulsional que se estabelece a relação autoerótica. Sendo assim:

O masoquismo é o local-limite onde as coisas se atam; ao atarem-se a pulsão de vida e a pulsão de morte, constitui-se o primeiro núcleo psíquico durável [...] é ali que o sujeito se reconhece a si mesmo, e é ali que se dá o nascimento do Eu arcaico que funda o sujeito. O masoquismo é assim a fonte de temporalidade-duração interna, e irá se tornar, ou já o é, o primeiro esboço da vida auto-erótica (masoquista), ou então primeiro esboço da perversão (polimorfa) infantil (ROSENBERG, 2003, p. 227).

Temos então aqui a ilustração do que Freud (1911a/2010) descreveu como a transição do Eu-de-prazer para o Eu realidade, agregando a essa transformação as formulações em torno do masoquismo erógeno, que como vimos é um fator importante para constituição psíquica. No entanto, é importante destacarmos como Freud apresenta essa transformação em *o Eu e o id* (1923/2011), pois ela não se anula, apenas é colocada dentro do que se estabelece com a marca da segunda tópica.

É importante lembrar que as elaborações que seguem em 1923 anuem ao fio que corresponde a ideia sobre uma parcela do Eu que seria inconsciente, aquela dominada pelo princípio do prazer. Nessa premissa sobre o texto *O Eu e o Id* (1923/2011) já temos uma breve noção de que se trata da transformação do Eu a partir da introdução do princípio da realidade, porém, fazendo jus ao que Freud investiga nesse período, realizando um caminho reverso na tentativa de desvendar mais sobre as profundezas por onde o Eu perfaz o seu caminho.

Segundo essa linha de pensamento, Freud (1923/2011) vai considerar essa parte inconsciente do Eu de Id. Dessa forma, o Eu-de-prazer a que Freud se refere em 1911a é na verdade essa primeira faceta do Eu que busca sua “autonomia” do Id¹². Nesse movimento influenciado pelo mundo externo é onde o Eu, agora pela ótica da segunda tópica, inicia suas funções mais complexas. É aqui que temos mais uma prova de como a intrincação pulsional que origina o masoquismo erógeno é importante para a constituição do Eu.

Freud (1923/2011) aponta que o Id, sede das pulsões, tem sua própria força; o Eu, por sua vez, funciona com forças emprestadas do Id, mas busca controlá-las, pois uma de suas funções complexas mais importante é mediar as demandas do Id com o mundo externo. No entanto, para chegar ao momento de mediação, o Eu precisa antes se sentir separado do Id, e o faz a partir da influência do sistema Pcp (FREUD, 1923/2011). Nos é mostrado então que é através do corpo que partem essas percepções tanto interna quanto externa, mas que pelas demandas do Id causarem um aumento de tensão, a percepção interna de desprazer é o principal condutor que faz o Eu ser compreendido sobretudo como um Eu corporal:

O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente. É visto como um outro objeto, mas ao ser tocado produz dois tipos de sensações, um dos quais pode equivaler a uma percepção interna. Já se discutiu bastante, na psicofisiologia, de que maneira o corpo sobressai no mundo da percepção. Também a dor parece ter nisso um papel, e o modo como adquirimos um novo conhecimento de nossos órgãos, nas doenças dolorosas, é talvez um modelo para a forma como chegamos à ideia de nosso corpo (FREUD, 1923/2011, p. 31-32).

¹² É importante ressaltar que o Eu não se separa do Id: “O Eu não é nitidamente separado do Id; conflui com este na direção inferior (FREUD, 1923/2011, p. 30).

É importante lembrar, sem receio de sermos repetitivos, que em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011) a saída para suportar o desprazer é através da intrincação pulsional, que usa do próprio corpo como objeto para dominá-lo. Assim, se torna precisa a afirmativa de Rosenberg (2003) de que a amálgama pulsional que se dá no nível orgânico é também o representante primordial da vida psíquica. O que Freud (1923/2011) confirma quando anuncia que a percepção corporal, ação que funda o Eu, é pulsional, ele confirma que é a transformação da pulsão de morte para fins da pulsão de vida, que o Eu é resultante da transformação que se dá na incidência do masoquismo erógeno.

As considerações que fazemos sobre a importância do masoquismo nessa constituição do Eu não estão aqui de forma deliberada, já que nessa mesma obra, *o Eu e o Id* (1923/2011), Freud, já se questionava em como se dava essa amálgama das pulsões e qual seria seu ponto de partida, algo que viria a ser postulado um ano depois:

Ainda não podemos conceber de que modo os instintos das duas espécies se ligam, misturam, amalgamam uns com os outros; mas que isto sucede regularmente e em larga medida é uma suposição inescapável em nosso contexto. Devido à ligação dos organismos elementares unicelulares em formas de vida pluricelulares, haveria êxito em neutralizar o instinto de morte da célula singular e desviar os impulsos destrutivos para o mundo externo, por meio de um órgão especial. Esse órgão seria a musculatura, e o instinto de morte se manifestaria então - mas provavelmente só em parte - como instinto de destruição voltado para o mundo externo e outras formas de vida. Havendo admitido a concepção de uma mescla [ou junção] das duas espécies de instintos, impõe-se-nos a possibilidade de uma - mais ou menos completa - disjunção desses instintos. No componente sádico do instinto sexual teríamos o exemplo clássico de uma mescla instintual adequada a um fim; no sadismo que se tornou independente como perversão, o modelo de uma disjunção, embora não levada ao extremo. Então se descortina para nós um largo âmbito de fatos, que ainda não foi considerado sob essa luz. Percebemos que o instinto de destruição é habitualmente posto a serviço de Eros para fins de descarga (FREUD, 1923/2011, p. 51-52).

Agora, devemos lembrar que falar em constituição do Eu é falar sobretudo no momento psicogenético no qual se encontra o momento de mais coesão dessa instância, sua organização mais catexizada – o estado de narcisismo. Posterior ao autoerotismo, é onde o Eu se encontra em estado de reservatório da libido e pronto para realizar investimentos nos objetos externos (FREUD, 1914/2010). O Eu, nessa fase do desenvolvimento, marca a saída do autoerotismo para o estado de narcisismo, por ser o local em que se unificaria as pulsões, mais precisamente, onde se encontraria a catexia libidinal formadora do Eu-sujeito (FREUD, 1915a/2010).

Porém, essa relação de sujeito e objeto, ou uma primitiva noção de um Eu-sujeito, já se encontra presente nas primeiras experiências com a pulsão. Em *Os Instintos e seus destinos* (1915a/2010) Freud se detém sobre a relação das pulsões que se impõe sobre o Eu e como esse,

dentro do seu desenvolvimento, as articula frente aos objetos. Ele propõe que “a antítese Eu-Não Eu (Fora), (Sujeito-Objeto), é imposta bem cedo ao indivíduo, pela experiência de que pode silenciar estímulos externos pela ação muscular, mas é indefeso contra estímulos instintuais” (FREUD, 1915a/2010, p. 73).¹³

Portanto, podemos ver que Freud já insinuava que as demandas pulsionais internas são as primeiras responsáveis pela noção de um Eu, algo que vai em direção a concepção de um Eu durante os eventos do autoerotismo. Mas é fundamental lembrarmos que a incidência do outro, a díade mãe-filho, é um fator inerente a essa constituição psíquica:

Na medida em que é autoerótico, o Eu não precisa do mundo exterior, mas recebe dele objetos, devido às experiências dos instintos de conservação do Eu, e portanto não pode deixar de sentir estímulos instintuais internos como desprazerosos por algum tempo. Sob o domínio do princípio do prazer se efetua nele mais uma evolução. Ele acolhe em seu Eu os objetos oferecidos, na medida em que são fontes de prazer, introjeta-os (conforme a expressão de Ferenczi) (FREUD, 1915/2010, p. 74).

Sendo assim, mesmo no autoerotismo a incidência do objeto externo já marca o psiquismo que está em desenvolvimento; sente como prazeroso o contato com esse ser que acalenta e traz satisfação ao corpo da criança. Assim, lembremos o que diz o autor em *O Eu e o Id* (1923/2011) que o Eu é sobretudo o Eu corporal. Mas para além disso, temos também outro momento que liga essa constituição do Eu proposta nos textos metapsicológicos com aquele da segunda tópica em 1923, em sua “separação” do Id. Quando Freud se refere aos objetos introjetados que causam fontes de prazer, é o mesmo momento em que as identificações que fazem com que o Id, ou melhor, a parcela inconsciente do Eu, o Eu-de-prazer, se transforme na sua parcela com mais contato com a realidade, o Eu-realidade

Ainda nesse texto de 1915a, há de se destacar o processo ao que Freud se refere como uma projeção de um desprazer para que o Eu consiga ter controle sobre essa parcela de tensão. Eis o que ele menciona:

e por outro lado expelle de si o que se torna, em seu próprio interior, motivo de desprazer. Logo, há uma mudança do Eu-realidade inicial, que distinguiu interior e exterior conforme um bom critério objetivo, em um purificado *Eu-de-prazer*, que põe o atributo do prazer acima de qualquer outro. O mundo externo se divide para ele em uma parte prazerosa, que incorporou em si, e um resto que lhe é estranho. Ele segregou uma parte integrante do próprio Eu, que lança ao mundo externo e percebe como inimiga (FREUD, 1915a/2010, p. 75).

¹³ Essas declarações destoam do enunciado em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), escrito um ano antes, onde aponta que o Eu é a ação psíquica que surge com o narcisismo. Propomos pensar, a partir do exposto em 1915a, que o Eu não é uma força que se materializa de forma mágica em um determinado ponto no desenvolvimento, mas que é resultado de uma evolução constitutiva no psiquismo.

Podemos ver que esse processo ao que Freud se refere nesse momento faz uma conexão com o masoquismo erógeno e sua projeção da pulsão sádica. Freud (1924/2011) especula que esse momento visa projetar a pulsão de morte que não se alinhou com a libido para o exterior, assim, controlando o desprazer e, posteriormente, ter a oportunidade de introjetá-la como forma de encontrar um caminho menos destrutivo a ela. Rosenberg (2003) sugere que esse momento em que é projetada essa parcela da pulsão de morte, o sadismo originário, é também o momento em que o Eu pode livremente se constituir como o reservatório libidinal, sem interferências destrutivas. Assim, o que seria um reservatório de libido é na verdade uma defesa contra essa pulsão de morte. Portanto, não há incompatibilidade com o narcisismo se partirmos do masoquismo primário (ROSENBERG, 2003).

Sampaio e Migliavacca (2015) sugerem que somente os avanços em torno da teoria do narcisismo permitiu que Freud pudesse avançar sobre os estudos a respeito da teoria do masoquismo, já que a sua metapsicologia serve como base para se pensar os caminhos que as pulsões se destinam para que a organização psíquica seja estabelecida. Assim, se no narcisismo existe um momento em que ele é primário e, ao se relacionar com os objetos externos surge um narcisismo secundário, há forças que agem de dentro para fora e retornam para o sujeito (FREUD, 1914/2010; SAMPAIO; MIGLIAVACCA, 2015). Algo semelhante ocorre com o masoquismo, o qual possui um estado original interno e que é projetado como sadismo, ocorrendo um retorno desse último nomeado como masoquismo secundário (FREUD, 1924/2011).

Se o quadro em torno da teoria do narcisismo é intimamente ligado às forças da pulsão de vida, a teoria do masoquismo, por mais que seja desenvolvida somente uma década depois, dá um passo atrás e se relaciona com o que há de mais primitivo no organismo, a pulsão de morte, marcando assim, um momento anterior ao narcisismo, mas que impacta o desenvolvimento do Eu.

Essa aproximação metapsicológica permite que olhemos para as relações objetais enxergando tanto o trabalho narcísico realizado pelas forças da pulsão de vida, assim como para a participação da parte mortífera da pulsão. Ao falar sobre a relação da pulsão em se converter sobre o objeto de forma ativa e passiva, Freud propõe já em 1915a que o investimento objetal relata a dupla incidência da pulsão, a ambivalência que, após 1920, se encontra referente a pulsão de morte e pulsão de vida. Se a amálgama da pulsão de vida e da pulsão de morte originária no masoquismo erógeno é uma das responsáveis pelo investimento no objeto, o

investimento é, por consequência dessa atividade, ambivalente. Intrinsecamente uma que liga e outra que visa destruir o laço:

O caso do amor e do ódio adquire interesse particular pela circunstância de resistir ao enquadramento em nossa descrição dos instintos. Não se pode duvidar da íntima relação entre esses dois afetos contrários e a vida sexual, mas é preciso naturalmente se recusar a conceber o amor como um instinto parcial particular da sexualidade, de maneira igual aos outros. É preferível ver o amor como expressão da totalidade da tendência sexual, mas com isso não se vai muito longe também, e não se sabe como entender um contrário material dessa tendência (FREUD, 1915/2010, p. 72).

Tais declarações nos sugere que a aproximação entre o narcisismo e o masoquismo erógeno não se dá, como aponta Sampaio e Migliavacca (2015), apenas em um quadro de semelhanças sobre a movimentação da pulsão, mas também em uma organização interna que as tornam fases na psicogênese do Eu.

Se a partir de 1920 o conflito pulsional passa a ser entre Eros e Tanatos, o conflito psíquico se apresenta a partir das relações de objeto, seja do sujeito com seu Eu ou com os objetos externos, a expressão de amor e ódio é um dos fatores que ilustram essa amálgama das pulsões. Quando Freud (1924/2011) revela que que é na relação do objeto, no corpo, que ocorre a intrincação pulsional, ele estabelece que nesse momento a relação já é ambivalente pelo caráter bipulsional, uma vez que a intrincação pulsional não cria uma nova pulsão, mas as une em um mesmo local, um mesmo investimento, a relação objetal.

Pensando assim, no autoerotismo, o que encontramos é essa ambivalência, e talvez por isso que nesse momento a relação de prazer e desprazer sejam tão próximas e tão intensas, pois a libido procura deixar a pulsão de morte menos letal a transpondo para as funções sexuais. Lembremos que ainda não há uma instância onde as pulsões possam se organizar, o que surge apenas na fase seguinte, o narcisismo, conseqüentemente a coesão do Eu capaz de organizar e mediar o desprazer junto ao prazer, o que remonta ao caminho realizado até essa coesão, a formação mais completa do Eu-realidade.

Mesmo que no autoerotismo há um direcionamento da pulsão de morte para fins mais eróticos e, conseqüentemente, menos destrutivos, ainda assim a pulsão de morte, pelo seu caráter mortífero, é destrutiva ao psiquismo. É a instauração do Eu que inicia esse processo de organização capaz de mediar tais exigências desprazerosas. Nessa perspectiva, a admissão da pulsão de morte, para Buchaúl (2015) designa a uma condição masoquista original do Eu, que faz com que o Eu se torne o primeiro objeto atingido pela pulsão de morte. Assim, essa autora define que: “a ligação da pulsão de morte com Eros é o que vai garantir ao Eu a luta pela vida contra a tendência permanente e insistente à morte” (BUCHAÚL, 2015, p. 109).

Nesse sentido, o investimento libidinal no sujeito, o narcisismo primário, responsável pela conservação do Eu, é visto por Rosenberg (2003) e faz jus às investigações aqui expostas, como uma ação defensiva para o psiquismo. Não só por mediar as exigências internas e externas, mas por encontrar caminhos mais adequados para a agressividade constitutiva, agora presente na amálgama das pulsões. Chegamos então à conclusão que, se partimos do masoquismo primário, encontramos uma grande influência desse na constituição do Eu; o narcisismo primário, por sua vez, seria o caráter evolutivo condicionado para a manutenção desse Eu e da constituição psíquica através do investimento libidinal necessário (ROSENBERG, 2003).

Muito ainda pode ser dito sobre a influência do masoquismo erógeno para a constituição subjetiva. Um desses cenários que se abre para se pensar dentre esses desdobramentos metapsicológicos é o caminho que se faz ao reintrojetar a agressividade projetada como sadismo original. Freud (1924/2011) deixa o caminho aberto para se imaginar que algo dessa agressividade é transposta para a constituição do Super-eu, pelo fato deste ser uma parte do Eu que se origina pela identificação do complexo de Édipo (FREUD, 1923/2011), que por sua vez são, por suas constituições, relações objetais investidas libidinalmente. Podemos pensar o quanto dessa ambivalência em relação às figuras parentais é, antes de tudo, deslocadas para essa parte do Eu a partir do masoquismo secundário. São questões que se abrem como um leque e que ainda permeiam a importância do masoquismo, ou de uma relação masoquista com a vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sua apresentação como um desvio de padrão sexual, o masoquismo continua a ser um assunto que, no mínimo, desperta curiosidade. Para a psicanálise, é fonte de investigações que intrigam esse que dispara de um mecanismo do desenvolvimento sexual, se encontra no estatuto de uma perversão, levanta questionamentos sobre sua relação com a moral civilizada, mas, sobretudo, parte para uma entusiasmante provocação sobre sua vinculação com a gênese do aparelho psíquico.

Depois de Freud, mais precisamente após 1905, o masoquismo não apenas transpõe sua posição de errância sexual, como é inserido nas discussões sobre a variedade da disposição da sexualidade humana. Além disso, é sem dúvidas uma das diretrizes dentro da psicanálise que concentra debates que permitem pensar em avanços metapsicológicos devido a sua aproximação direta com a pulsão de morte.

Se o artista Masoch é sacrificado em razão do que viria a se tornar um conceito e teoria psicanalítica, Freud usa desse termo e o transforma para determinar como uma fase inerente ao desenvolvimento mental. O sintoma sexual patológico, dentro do pensamento freudiano, ganha *status* de fundamental para além do prazer no sofrimento. O masoquismo se insere como um elemento integrante da sexualidade humana, como também da história da formação do humano ao que concerne à psicanálise.

É nesse sentido que aqui tentamos compreender o masoquismo, a partir da variedade que se estende àqueles que decidem pesquisar com olhar psicanalítico. Não deixamos de lado que o masoquismo é uma ferramenta dentre uma ampla constelação, que agrega, constitui, mas que não é a única e nem conseguiria por si só responder a todas as perguntas que surgem ao pensar a constituição subjetiva.

Levantar a problemática de como o masoquismo contribui para a constituição do Eu colaborou para que ao longo deste trabalho pudéssemos acompanhar o movimento que Freud realizou até a sua determinação de como o Eu se constitui. Juntamente a isso, a forma como o psiquismo vai se estruturando. Ao longo dos anos, as obras freudianas repercutem, evoluem e transformam o aspecto como se interpreta o sujeito. Aqui, pudemos ver brevemente como isso ocorreu e como a temática sobre o Eu se centraliza nesse sentido.

À medida que abordamos esse pensamento histórico, outros tantos conceitos e teorias foram surgindo; a relação com a regulação do bom funcionamento interno, com a sexualidade, as problemáticas em torno da perversão, o surgimento da teoria pulsional e suas modificações,

etc. Tudo isso nos mostra que pensar a noção de Eu é revisitar toda a história psicanalítica. Tentar apreender toda essa história aqui é, antes de tudo, compreender a limitação que um trabalho como esse alcança. Isso explica nossas escolhas limitadas a determinadas obras em detrimento de outras.

Sabemos que da mesma forma isso cabe a maneira como apresentamos o desenvolvimento do masoquismo. Assim, procuramos concentrar nossos esforços nas principais obras em que Freud aborda o tema. Esse artifício permitiu que não perdêssemos de vista o que realmente importava para que pudéssemos alcançar nosso objetivo, o que se estende por todo último capítulo.

Se vimos como o Eu se constitui, por outro momento, vimos também como o masoquismo vai se transformando de um enigma para um fator constitutivo. Dessa forma chegamos ao encontro dessas duas noções após 1923. Por que seria importante então pensar essa configuração? Por que juntar o desenvolvimento do Eu com o masoquismo? Para esclarecer tais dúvidas, é necessário retomar a importância que Freud dá ao Eu.

Já em *O Eu e o Id* (1923/2011) nos é apresentado a essa importância do Eu para o aparelho psíquico, na verdade, desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895] /1997) isso fica claro. Em *Compêndio de Psicanálise* (1940 [1938] /2018), uma das últimas obras de Freud, é retomado a importância do Eu para a preservação do ser humano. Por isso, entender as facetas como esse se constitui é se aproximar ainda mais do que concerne a compreensão do sujeito e sua dimensão subjetiva.

Por sua vez, falar sobre o masoquismo é falar sobre uma dimensão masoquista da vida. Se Freud (1924/2011) o coloca como um ponto de suma importância para sua última teoria do conflito pulsional, ele está também na regulação do princípio de preservação do ser humano. Unir esses dois vieses que transformam a relação do indivíduo com a realidade, sugere caminhos para compreensão dessa dimensão masoquista do sujeito, seja diante do seu adoecimento neurótico ou como esse “administra” seus investimentos libidinais para se manter em uma perspectiva saudável.

Não é à toa, portanto, que ao elaborar a constituição do Super-eu, Freud (1923/2011) considera essa dimensão masoquista do Eu diante de uma agressividade original. Esse pensamento irá prevalecer em estudos posteriores, como em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), onde o autor articula as origens do Super-eu a essa determinada agressividade e como o sujeito submete o Eu a serviço dela em prol da civilização.

É claro que toda moralidade do Super-eu também tem relação direta com âmbito do masoquismo moral. O sentimento de culpa que surge nas fantasias do sujeito, que acredita merecer ser castigado, é uma forma de manifestação masoquista que alimenta a passividade do Eu e fortalece a agressividade do Super-eu (FREUD, 1924/2011). Essa dimensão é um dos principais fatores da relação terapêutica negativa; a articulação do sentimento inconsciente de culpa e a necessidade constante de punição que impede o caminho da cura analítica; o sujeito tende a permanecer no estado de sofrimento (FREUD, 1924/2011).

Birman (2016) sugere que essa dimensão masoquista na constituição do psiquismo é também responsável pelo sentimento de desamparo. Para ele, pela ativa busca de nos proteger da angústia da separação, a submissão para o outro em troca de amparo caracteriza o modo masoquista presente em toda relação. Nesse mesmo direcionamento, Buchaúl e Câmara (2016) apontam que a relação mãe-filho, tão responsável para a estruturação do psiquismo, é da qual emerge a sensação de proteção contra a angústia do medo da morte, ou seja, essas vivências representam a necessidade da presença desse outro fundamental. É nessa perspectiva que, derivado do masoquismo erógeno, o masoquismo feminino é o grande representante desse estado de passividade.

Portanto, abordar o masoquismo no panorama da constituição psíquica, mais precisamente, como um fator importante na gênese do Eu, é permitir questionar a dimensão masoquista que circunda as escolhas neuróticas, o que concerne ao suportabilidade do sofrimento e as buscas que realizamos para mediá-lo, assim como alcançar respostas que concedam novas informações na direção da problemática da relação terapêutica negativa. Ou seja, faremos jus ao postulado de Freud, onde os estudos metapsicológicos impactem diretamente à prática clínica, assim como a compreensão mais detalhada do funcionamento psíquico.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). **DSM-IV**: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (4ª Ed.). Lisboa: Climepsi Editores. American Psychiatric Association, 2002.

American Psychiatry Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BIRMAN, J. **As pulsões e seus destinos**: do corporal ao psíquico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BOMFIM, T. H. **A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

BUCHAÚL, S. P. **Investigações sobre o masoquismo na teoria freudiana.** Dissertação (Mestrado em teoria psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de psicologia, programa de pós-graduação em teoria psicanalítica, Rio de Janeiro, 2015.

BUCHAÚL, S. P.; CÂMARA, L. Masoquismo: história, teoria e subjetivação. **Polêm!ca**, v. 16, n. 1, p. 78-94, 2016. Acesso em 17 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/rt/printerFriendly/21337/15429>>.

Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID - 10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.

COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. *In: Tempo do desejo – Sociologia e Psicanálise.* FERNANDES, H. R. (org.). São Paulo: Brasiliense, p. 109-136, 1991.

DELEUZE, G. **Sacher-Masoch: o frio e o cruel.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

FORTES, I. Erotismo versus masoquismo na teoria freudiana. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 35-44, dez. 2007. Acesso em 18 jan. 2022. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200003&lng=pt&nrm=iso>.

FORTES, I.; MACEDO, M. K. Quem é o psicanalista pesquisador? Questões cruciais sobre o método psicanalítico de pesquisa. *In: Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos.* Org. FULGENCIO, L.; BIRMAN, J.; et al. São Paulo, Zagadoni, p. 106-122, 2018.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, S. A cisão do Eu no processo de defesa (1940b [1938]). *In: Obras Completas, vol. 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio da psicanálise e outros textos (1926-1929).* São Paulo: Companhia das Letras, p. 345-350, 2018.

_____. **A interpretação dos sonhos (1900).** Obras Completas, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. A repressão (1915c). *In: Obras Completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916).* São Paulo: Companhia das Letras, p. 82-98, 2010.

_____. Além do princípio do prazer (1920). *In: Obras Completas, vol. 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920).* São Paulo: Companhia das Letras, p. 161-239, 2010.

_____. Batem em uma criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). In: **Obras Completas, vol. 14:** História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, p. 293-327, 2010.

_____. Compêndio da psicanálise (1940a [1938]). In: **Obras Completas, vol. 19:** Moisés e o monoteísmo, Compêndio da psicanálise e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, p. 189-273, 2018.

_____. Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão (1910a). In: **Obras Completas, vol. 9:** Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910). São Paulo: Companhia das Letras, p. 313-323, 2013.

_____. **Conferências introdutórias à psicanálise** (1916-1917). Obras Completas, vol. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911a). In: **Obras Completas, vol. 10:** Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, p. 108-121, 2010

_____. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: **Obras Completas, vol. 17:** Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-123, 2014.

_____. Introdução ao narcisismo (1914). In: **Obras Completas, vol. 12:** Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-50, 2010.

_____. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: **Obras Completas, vol. 12:** Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, p. 170-194, 2010.

_____. O Eu e o Id (1923). In: **Obras Completas, vol. 16:** O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-74, 2011.

_____. O futuro de uma ilusão (1927). In: **Obras Completas, vol. 17:** Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras, p. 231-301, 2014.

_____. O inconsciente (1915b). In: **Obras Completas, vol. 12:** Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, p. 99-150, 2010.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). In: **Obras Completas, vol. 16:** O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, p. 184-202, 2011.

_____. O mal-estar na civilização (1930). *In: Obras Completas, vol. 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-354, 2010.

_____. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (dementia paranoides) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”) (1911b). *In: Obras Completas, vol. 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-107, 2010.

_____. Os instintos e seus destinos (1915a). *In: Obras Completas, vol. 12: Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 51-81, 2010.

_____. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). *In: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. São Paulo: Novo Disc Brasil, 1997, sob licença de Imago, Rio de Janeiro, Vol I, p. 212-305, 1997.

_____. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). *In: Obras Completas, vol. 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-113, 2011.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In: Obras Completas, vol. 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentada de um caso de histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-172, 2016.

_____. Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci (1910b). *In: Obras Completas, vol. 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 113-219, 2013.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

KRAFFT-EBING, R. V. **Psychopathia sexualis**. Curitiba: Antonio Fontoura, 2017.

_____. **Psychopathia sexualis: as histórias de casos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento**. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PIETRO, V. D. **Aquém do masoquismo**. Jundiaí, Paco Editorial: 2012.

ROSENBERG, B. **Masoquismo mortífero e masoquismo guardião de vida**. São Paulo: Escuta, 2003.

ROUDINESCO, E. **Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2016.

_____. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.

SACHER-MASOCH, L. V. **A vênus das peles**. 1 ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.

SAMPAIO, E.; MIGLIAVACCA, E. M. Contribuições do narcisismo para a modificação da teoria do masoquismo. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 36, n. 1, p. 51-62. Londrina, 2015.

WOLLHEIM, R. **As idéias de Freud**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971.